



Figura 335 – Plano final da sondagem 3.



Figura 336 – Perfil norte da sondagem 3.

#### 7.2.1.4 Sondagem 4

A sondagem 4 foi disposta em uma zona de passagem pedonal a oeste da anterior. O local era composto por uma calçada triangular que servia de ponto de passagem entre passeadeiras e o local de tomada de passageiros de uma unidade hoteleira. Além do espaço disponível ser bastante reduzido, a impossibilidade de cortar o acesso na sua totalidade não era comportável, considerando ser a única passagem entre as passeadeiras do local. Outro fator observado logo à partida, foi a forte presença de estruturas urbanas, nomeadamente semáforos, postes de iluminação, postes publicitários, assim como caixas de visita na calçada para acesso a infraestruturas. O local encontrava-se, portanto, condicionado na sua maioria.

Ainda assim, optámos por implantar uma quadrícula de 1,50x1m na pouca área disponível, e avançar com a intervenção na esperança de encontrar alguma vertente que permitisse o progresso dos trabalhos em profundidade. Infelizmente, não foi o caso.

Com o levantamento da calçada [400] e das respetivas camadas de assentamento e regularização: UE [401] – camada de *tout-venant* e UE [402] – depósito heterogéneo, compacto, composto por sedimento argiloarenoso de tom castanho com *tout-venant* à mistura, correspondente à UE [202] da sondagem anterior, foi de imediato identificada uma sapata em betão, UE [403], a qual ocupava toda a área da sondagem. Esta sapata, disposta a uns meros 32cm de profundidade, estendia-se para as margens deste local de passagem, estando associada provavelmente aos postes de iluminação ou de suporte das placas publicitárias.

Não tendo sido possível avançar em profundidade, a sondagem 4 foi dada como terminada ao nível do topo da sapata. Prevê-se em fase de execução, aquando do desvio das infraestruturas e sinalética, ser possível demolir a sapata e avançar em profundidade.



Figura 337 e 338 – Aspeto geral do espaço disponível para implantar a sondagem 4, à esquerda vista para oeste e à direita para este.



Figura 339 – Plano final da sondagem 4, ao nível da sapata de betão identificada.

### 7.2.1.5 Sondagem 5

As duas últimas sondagens, 5 e 6, foram dispostas no extremo sul da área de intervenção das Amoreiras, neste caso na calçada que se estende entre a Av. Eng. Duarte Pacheco e a Rua das Amoreiras, tendo as mesmas uma dimensão de 3x3m.

Na sondagem 5, os níveis superficiais eram constituídos pelos blocos calcários da calçada, aqui como unidade [500], associados a uma camada de assentamento em *tout-venant*, UE [501], e um depósito heterogéneo, compacto, constituído por um sedimento de tom castanho acinzentado, contendo elementos de construção contemporâneos, tais como plásticos, restos de betuminoso, paralelos de calcário descartados, entre outros, ao qual foi atribuída a unidade [502].

A remoção destas realidades superficiais permitiu identificar um conjunto de novas unidades dispostas em um mesmo plano: [503] – correspondente a um depósito homogéneo, composto por um sedimento arenoso, muito solto, de tonalidade esverdeada; [504] – estrutura positiva constituída por pedra triturada, ligada com argamassa de areia e cal de tom avermelhado, com cerca de 20cm de espessura, orientada a este-oeste e cuja finalidade não foi possível apurar, assemelhando-se a uma cobertura de proteção mais sólida à passagem de infraestruturas dispostas mais abaixo; [505] – uma segunda estrutura positiva, à mesma cota, constituída por blocos toscos de pedra calcária, de média dimensão, ligados por argamassa cimentícia, com uma espessura também ela em torno dos 20cm.

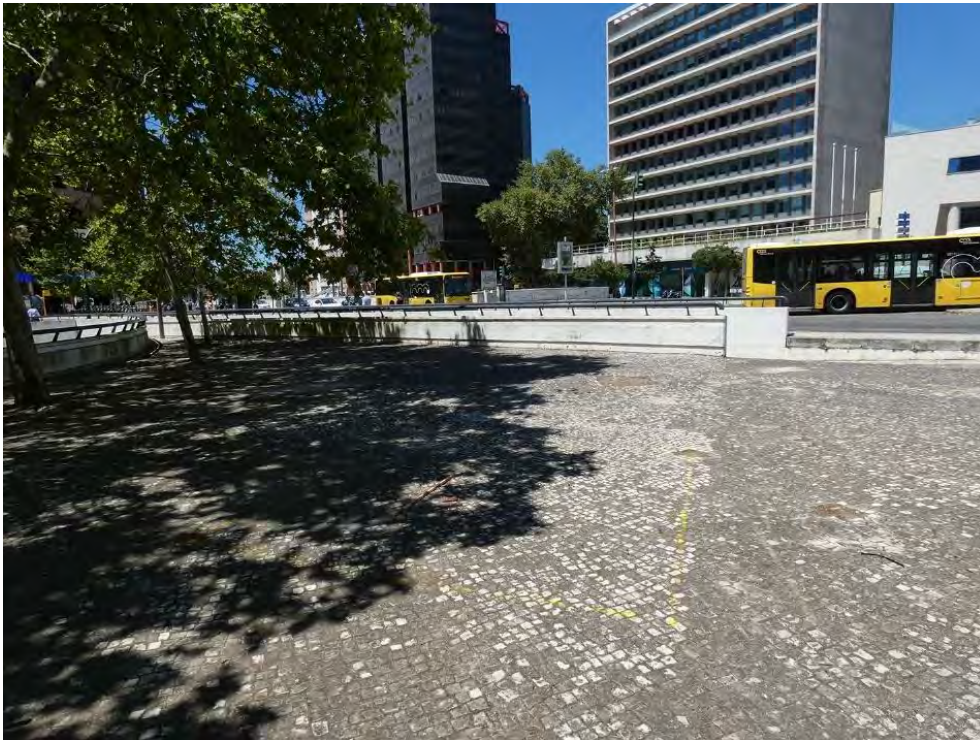


Figura 340 – Aspeto geral do local de implantação da sondagem 5.

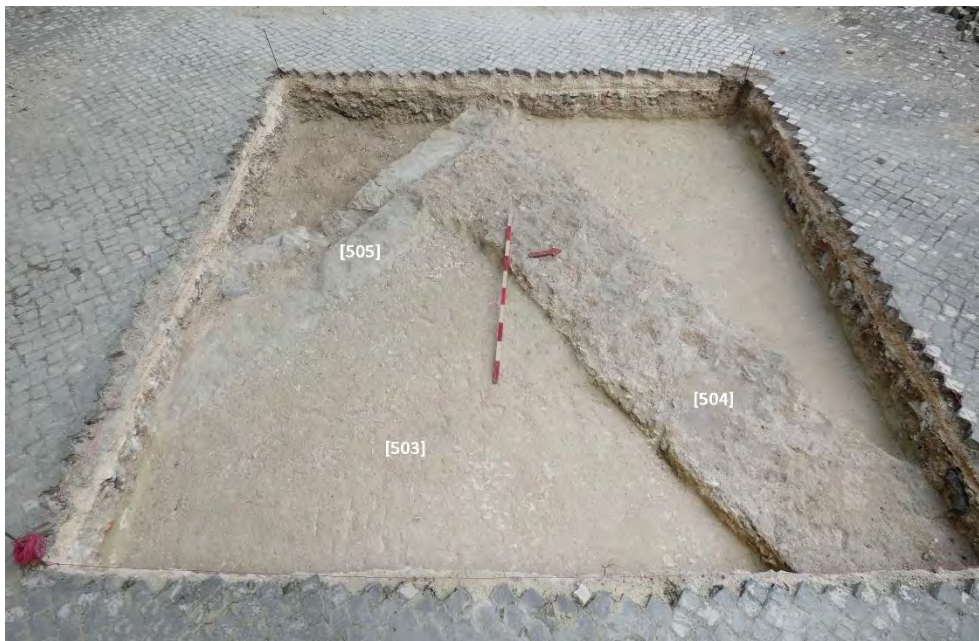


Figura 341 – Unidades [503], [504] e [505] dispostas no mesmo plano.

Com o desenvolvimento dos trabalhos foram identificadas duas unidades muito semelhantes às observadas no plano anterior, neste caso a UE [506], uma estrutura de composição semelhante à [504], e a UE [507], uma estrutura de composição semelhante à [505].

A cerca de 40 a 50cm de profundidade, junto a estas estruturas, identificou-se uma camada heterogénea de aterro contendo despejos de material de construção e descarte de argamassas, assim como cerâmica de construção e elementos pétreos, envolvidos por um sedimento arenoso de tonalidade castanho escuro, UE [508].

A partir dos 65cm de profundidade identificou-se a unidade [509], uma estrutura constituída por pedra calcária tosca de média dimensão ligada por argamassa, cuja composição retangular se associou a uma base fundacional de edifício, ligada aos prédios que aqui estiveram erigidos até meados do século XX. Entre as estruturas a descoberto, [504] e [509], e imediatamente abaixo da [508], dispunha-se uma nova camada composta por sedimento arenoso, de tom castanho claro, à qual foi atribuída a unidade [510].



Figura 342 – Unidades estruturais identificadas e intervaladas pela camada [510].

Alcançado este limite, foi necessário proceder ao desmonte das estruturas contemporâneas superficiais, [504], [505] e [507], de forma a avançar com os trabalhos em profundidade, tendo-se mantido *in situ* a estrutura [509].

Desta forma, e a cerca de 1,20m de profundidade, colocou-se a descoberto um conjunto de infraestruturas formadas por manilhas em fibrocimento orientadas este-oeste, UE [511], às quais se associa um depósito heterogéneo que envolve as manilhas, composto por um sedimento arenoargiloso, compacto, de tonalidade castanha, com inclusões de cerâmica de construção e areão esverdeado, UE [512], assim com a vala de assentamento das respetivas infraestruturas, UE [513].

Com o levantamento do remanescente da camada [510] identificou-se a unidade [514], uma camada natural composta por margas calcárias, arqueologicamente estéril, tendo sido alcançados os cerca de 2,70m de profundidade máxima. Foi ainda possível identificar a unidade [515], correspondente à vala de fundação da estrutura [509].



Figura 343 – Plano após o levamento das estruturas [504],[505] e [507].



Figura 344 – Identificação de infraestrutura composta por manilhas de betão.



Figura 345 – Plano final da sondagem 5.

Da intervenção na sondagem 5 verificou-se a presença das realidades associadas à reformulação da área urbana das Amoreiras, em particular pelas infraestruturas observadas e camadas de aterro recentes associadas. Destacou-se a subsistência de uma estrutura fundacional de edifício, a qual se associa ao edificado que aqui existiu até ao século XX, conforme se constata na consulta cartográfica oitocentista.

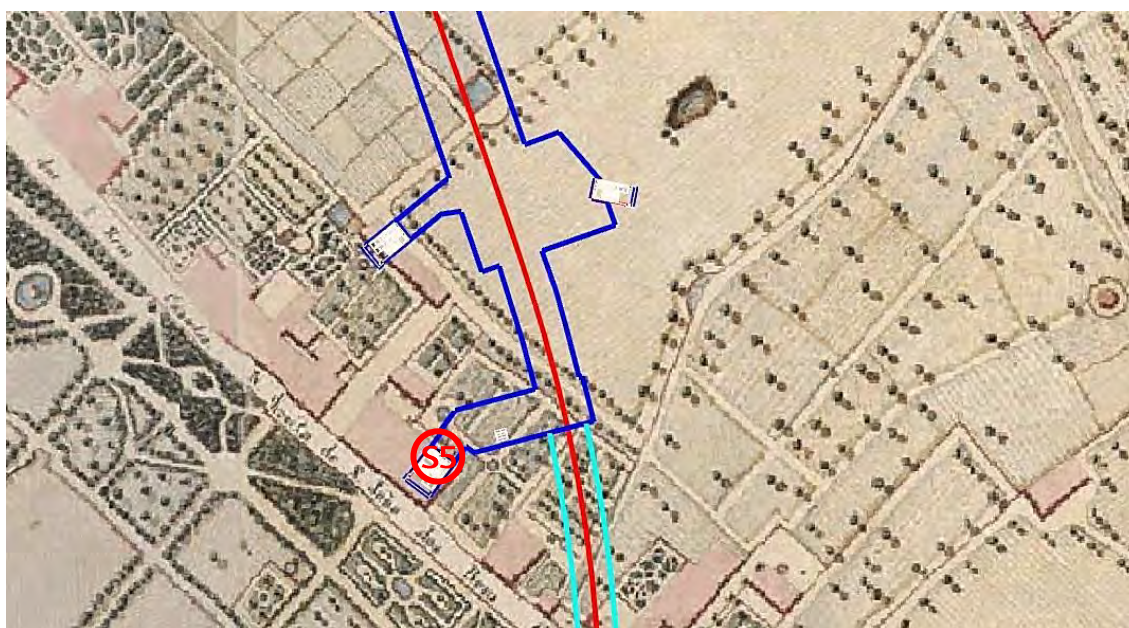


Figura 346 – Cartografia de 1856-58 com sobreposição do traçado da futura Estação das Amoreiras, com destaque para o local da sondagem 5, onde se encontrava, à época, um edifício urbano.

## 7.2.1.6 Sondagem 6

A sondagem 6 alinhou-se a pouca distância para nascente da sondagem anterior, no local onde será aberto um poço para instalar o elevador de acesso à futura Estação.

Considerando a curta distância entre ambas, inferior a 10m, era expectável uma correspondência estratigráfica, pelo menos nos níveis mais superficiais, como acabaria por se verificar ao nível da calçada e camadas de assentamento: [600], [601] e [602].



Figura 347 – Aspeto geral do local de implantação da sondagem 6.

Contudo, nesta sondagem, abaixo das realidades superficiais encontrou-se um segundo nível de calçada em paralelos calcários, UE [603]. Abaixo desta calçada dispunha-se um nível de aterro, UE [604], formado por um depósito homogêneo composto por um sedimento arenoso, muito solto, de tonalidade esverdeada, a cerca de 50cm de profundidade. Esta camada revelou uma reduzida potência estratigráfica, em torno dos 5cm, abaixo da qual se encontraram novas realidades no mesmo plano: [605] – um depósito heterogêneo composto por um sedimento arenoso, compacto, de tom esverdeado, misturado com areão grosseiro de tom laranja; [606] – estrutura constituída por pedra triturada, ligada com argamassa de areia e cal de tom avermelhado com cerca de 20cm de espessura, correspondente com a unidade [504] da sondagem anterior; [607] – conjunto de elementos de madeira associados a uma antiga linha do Elétrico, entretanto desabilitada e aterrada, aqui encontrada a cerca de 60cm de profundidade. A unidade [608] correspondia à vala de assentamento destas vigas da antiga linha do Elétrico.

Com o levantamento destas unidades ficou a descoberto uma composição de pedra calcária de pequena dimensão, argamassada, mostrando-se mais consolidada e regularizada que as camadas anteriores, compatível com um piso/nível de circulação, UE [609]. Após um rebaixamento de 25cm observou-se uma camada heterogénea composta por sedimento arenoso, de tonalidade castanho escuro com manchas de tom amarelado e esbranquiçado, contendo presença de raízes, à qual foi atribuída a unidade [610].

Abaixo da [610] foi identificada uma infraestrutura composta por manilha em cimento, UE [611], disposta a 1,90m de profundidade, e respetiva vala de assentamento, UE [612]. No interior da



vale encontrava-se um enchimento heterogéneo composto por um sedimento argiloarenoso, compacto, de tom castanho claro, UE [613]. Junto da infraestrutura dispunha-se uma última camada, neste caso o nível geológico local, UE [614], composto por margas arqueologicamente estêreis, tendo sido alcançado os cerca de 2,10m de profundidade máxima.



Figura 348 – Unidades [605], [606] e [607] dispostas no mesmo plano.



Figura 349 – Plano final da sondagem 6.

## 7.2.2 Estação de Campo de Ourique

O pitoresco bairro de Campo de Ourique terá acesso a uma das Estações projetadas para o prolongamento da Linha Vermelha, aqui prevista para o coração do bairro em torno do emblemático Jardim da Parada. Esta Estação prevê a serventia através de quatro acessos, dois a construir na Rua Almeida Sousa e outros dois na Rua Francisco Metrass, assim como será dotada de um poço de ventilação cujo alinhamento coincide com a área ocupada por um parque infantil e instalações sanitárias localizadas na zona sudoeste do Jardim da Parada.

Perante as áreas de afetação previstas foram consideradas 5 sondagens de diagnóstico, de 3x3m cada, distribuídas pelos quatro acessos à Estação, reservando-se a última sondagem para o Jardim da Parada, sobre os limites do poço de ventilação.



Figura 350 – Localização das 5 sondagens de diagnóstico para a futura Estação de Campo de Ourique.



Figura 351 – Localização das mesmas 5 sondagens sobre a planta de projeto.

A zona que atualmente conhecemos como Campo de Ourique apenas seria urbanizada a partir do século XX. Até este período, o local era baldio e ocupado por espaços amplos, tanto para exploração agrícola como pelo espaço reservado à Parada do Quartel de Campo de Ourique, junto da atual Rua Ferreira Borges, tendo os terrenos para a sua construção sido adquiridos em 1758 por ordem do Conde de Lippe, importante reformador das forças militares portuguesas. Recordamos que nas escaramuças lisboetas do 5 de outubro de 1910, o Quartel e a zona de Campo de Ourique tiveram um papel de relevo nas operações.

A geologia do local revela que o subsolo é rico em argilas, sobretudo das denominadas Argilas dos Prazeres (MPr), aspeto que motivara a instalação no local da E.C.L. – Empresa Cerâmica de Lisboa, que aqui laborou entre 1883 e 1930. Nos espaços da fábrica, após o seu desmantelamento, seria construída em 1950 a Igreja do Santo Condestável, a qual ainda ocupa o local com grande destaque, junto ao Mercado Municipal.

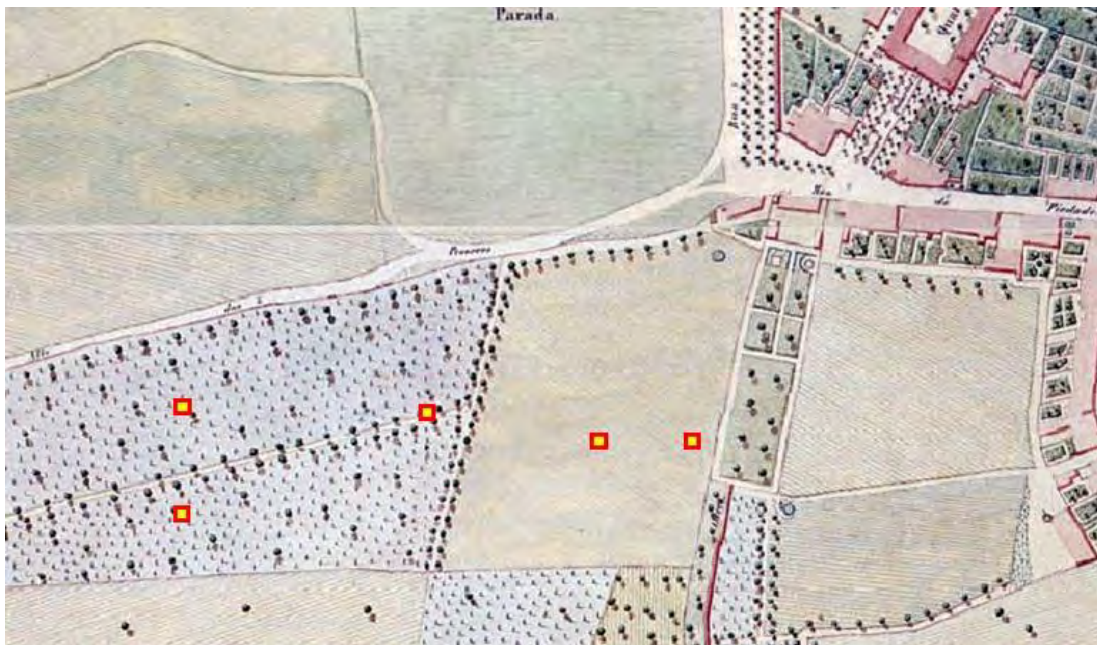


Figura 352 – Campo de Ourique em 1856, onde se observa em cima a presença do Quartel e a indicação da “Parada”. Os quadrados vermelhos e amarelos marcam a posição das 6 sondagens arqueológicas propostas no presente trabalho, em local ocupado por vegetação e parcelas agrícolas.



Figura 353 – Campo de Ourique em 1878 onde se destaca a representação topográfica do local.



Figura 354 – Campo de Ourique em 1911, aquando decorria a urbanização do bairro, já com a presença do Jardim da Parada ao centro. Destacamos a localização das nossas sondagens.

Adiantamos que à presente data de fecho do relatório, a intervenção arqueológica em Campo de Ourique ainda se encontra em curso, tendo apenas sido dadas como terminadas as sondagens 3 e 4, encontrando-se em planos intermédios as sondagens 1 e 5 e somente principiada a sondagem 2, disposta na área ajardinada do Jardim da Parada. Assim, as descrições que adiante

se seguem encontram-se limitadas aos resultados alcançados até ao momento da presente redação e não à conclusão dos trabalhos.

### 7.2.2.1 Sondagem 1

A primeira sondagem foi disposta sobre o betuminoso da Rua Almeida e Sousa, próximo da sua interceção com a Rua Ferreira Borges.

Ao pavimento superficial foi atribuída a unidade [100]. Abaixo do mesmo dispunha-se uma camada heterogénea de aterro, UE [101], composta por entulhos oriundos de demolições, com diverso material de construção contemporâneo, preenchido com bolsas de sedimento arenoso e argiloso de origem indeterminada. Também se observou a presença de elementos pétreos de forma tosca e variada dimensão. Esta camada [101] revelou uma potência estratigráfica na ordem dos 90cm a 1m.

Sob esta primeira camada de aterro foi identificada a unidade [102], um depósito composto por argilas de tom esverdeado, compatíveis com as Argilas dos Prazeres, porém, aqui colocadas, aparentemente, em segunda deposição. Não podemos esquecer que a atividade de exploração destas argilas teria provocado sérios revolvimentos no subsolo local, assim como na senda da urbanização do próprio bairro.

De momento decorre o levantamento das argilas da unidade [102], as quais contêm pontuais presenças de espólio, na tentativa em alcançar níveis estéreis.

### 7.2.2.2 Sondagem 2

A sondagem 2 foi implantada sob o manto vegetal do Jardim da Parada, tendo a mesma apenas registado o seu plano inicial. Aguarda desenvolvimento dos trabalhos em profundidade.



Figura 355 – Plano inicial da sondagem 2.

### 7.2.2.3 Sondagem 3

As sondagens 3 e 4 foram dispostas sobre o betuminoso da Rua Francisco Metrass, ambas próximas da interceção com a Rua Almeida e Sousa.



Figura 356 – Plano inicial da sondagem 3.

A camada superficial é aqui identificada como unidade [300] e a respetiva camada de assentamento como [301]. Abaixo do pavimento dispunha-se a UE [302], uma camada heterogénea composta por sedimento arenoso de tom castanho claro, com muitas inclusões de material de construção (tijolo furado, telha, azulejo, argamassas), seixos de pequena e média dimensão, assim como alguma cerâmica comum contemporânea.

O levantamento da camada [302] colocou a descoberto novas unidades estratigráficas, nomeadamente uma bolsa de terra de tom castanho escuro com muitas inclusões de material de construção, UE [303], mas também o perfil do lancil do passeio [304] e respetiva estrutura em pedra para o seu suporte, UE [305], assim como uma tubagem em ferro que atravessava toda a sondagem no sentido norte-sul, UE [306]. Encontrou-se este plano a cerca de 75cm de profundidade.



Figura 357 – Identificação das unidades [302] a [306].

A escavação prolongou-se ao longo da unidade [302] até ter sido identificada uma nova infraestrutura [307], correspondente a um tubo em grés habitualmente associado à rede de escoamento de águas residuais, no sentido este-oeste. Junto deste tubo encontrou-se a camada [308], de matriz argilosa, compactação média e de tom esverdeado, com inclusões de material de construção e alguns elementos pétreos. Constatou-se que a interface do cano em grés, a unidade [309], havia cortado todas as camadas superiores até alcançar a unidade [308], a qual foi parcialmente afetada.

A camada [308] daria lugar a uma outra muito semelhante, UE [310], porém, estéril, correspondente ao substrato geológico constituído por margas compactas de tons cinzento e esverdeado. A sondagem 3 havia alcançado uma profundidade máxima de 2,40m sem que fossem identificadas realidades de valor arqueológico.



Figura 358 – Plano final da sondagem 3.

#### 7.2.2.4 Sondagem 4

A sondagem 4 foi disposta no alinhamento da anterior, neste caso cerca de 32m para sul, partilhando o mesmo pavimento em betuminoso e camada de assentamento [401].

Abaixo desta encontrou-se uma camada de areia envolvendo pequenos seixos brancos e pretos de média dimensão, UE [402], sem, no entanto, constituir uma composição. Estes seixos cobriam uma camada de terras argilosas de tom acinzentado com inclusões de elementos pétreos, [403]. Esta última articulava com argilas de tom amarelado, contendo igualmente elementos pétreos de média dimensão, [404]. Neste plano, a cerca de meio metro de profundidade, ainda se observou uma fina camada de cal compactada na vertente oeste da sondagem, UE [405], provavelmente relacionada com o nivelamento de uma antiga calçada. Alcançados os 75cm de profundidade tornou-se visível uma camada de sedimento argiloso de tom amarelo, compacto, contendo inclusões de areia e pedra de pequena dimensão, UE [406], correspondendo esta unidade ao substrato geológico aqui colocado em deposição secundária.





Figura 359 – Identificação das unidades [404] a [406].

Deste plano em diante verificou-se a presença de sucessivos aterros com terras de composição variável: [407] – sedimento argiloso, compacto e de tom amarelo esbranquiçado, com inclusões de pedra calcária de pequena e média dimensão; [408] – sedimento arenoso, mediamente compacto e de tom avermelhado, contendo inclusões de material de construção; [409] – sedimento argiloso, compacto e de tom amarelo esbranquiçado, com inclusões de pedra calcária de pequena e média dimensão, semelhante à [407]; [410] – sedimento arenoso de tom castanho claro, com inclusões de material cerâmico, incluindo alguma faiança, azulejo e porcelana dos séculos XIX e XX mesclado com material de construção.



Figura 360 – Unidades estratigráficas de aterro [409] e [410].

Por último, e alcançada uma profundidade de cerca de 2,40m, dispunha-se a unidade [411], composta por um sedimento argiloso, muito compacto, com inclusões de elementos pétreos

calcários de pequena e média dimensão, semelhante à [409], porém, arqueologicamente estéril, correspondente ao substrato natural.



Figura 361 – Plano final da sondagem 4.

### 7.2.2.5 Sondagem 5

A quinta e última sondagem foi disposta no alinhamento da primeira, a cerca de 28m para oeste da Rua Almeida e Sousa, porém, aqui, mais próximo da interceção com a Rua 4 de Infanteria, onde se encontra o Jardim da Parada.

A superfície partilhava a mesma camada de betuminoso identificada na sondagem 1, aqui atribuída a unidade [500]. Considerando a proximidade e o alinhamento destas sondagens, antevia-se uma certa correspondência estratigráfica.

Abaixo do pavimento encontrou-se um depósito heterogéneo de aterro, [501], composto por descartes de construção, à semelhança da UE [101], contendo fragmentos de cerâmica de construção e restos de argamassas, plásticos, juntamente com elementos pétreos de média e grande dimensão misturados com areias amareladas e alaranjadas. Sob a [501], a camada [502] revelou constituir um outro nível de aterro, à semelhança da camada [102], também composto por argilas esverdeadas, compactas, aqui colocadas em posição secundária, contendo alguns elementos de espólio dispersos. Encontrou-se a unidade [502] em torno dos 65cm de profundidade, tendo a mesma revelado uma pendente norte-sul, dispoendo junto do corte sul a presença de depressões irregulares compatíveis com covas de árvores.

Assim, a partir de 1,10m de profundidade observaram-se novas realidades: UE [503] e [504], correspondentes a interfaces, e UE [505], caracterizada por um depósito heterogéneo composto por uma sucessão de margas esbranquiçadas e um sedimento argiloso, compacto, de tom castanho escuro. Entre estas realidades observaram-se bio perturbações (raízes), assim como foi possível constatar uma pendente, neste caso de oeste para este.

De momento decorre o levantamento destas unidades, na tentativa em alcançar níveis estéreis, à semelhança do procedimento em curso na sondagem 1.

### 7.2.3 Estação de Infante Santo

Junto da Av. Infante Santo, mais precisamente sob o terreno desocupado disposto entre esta e a Calçada das Necessidades, será construída a terceira Estação do novo troço da Linha Vermelha, a qual irá contar com dois acessos exteriores, ambos a construir na própria avenida.

Para esta frente foi proposta a realização de 5 sondagens de 3x3m cada, distribuídas por 2 sondagens sobre a área dos acessos e as restantes sobre a área central da Estação, onde será aberto o poço para a sua construção e, futuramente, construído à superfície um espaço para estacionamento automóvel e arranjos ajardinados.

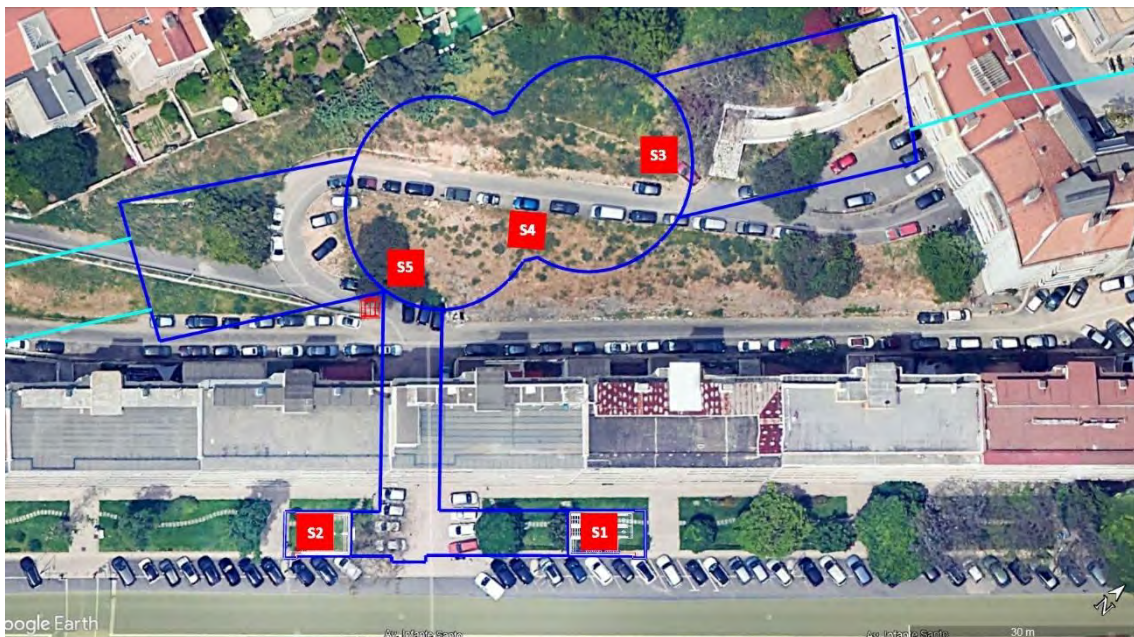


Figura 362 – Localização das 5 sondagens de diagnóstico para a Estação de Infante Santo.

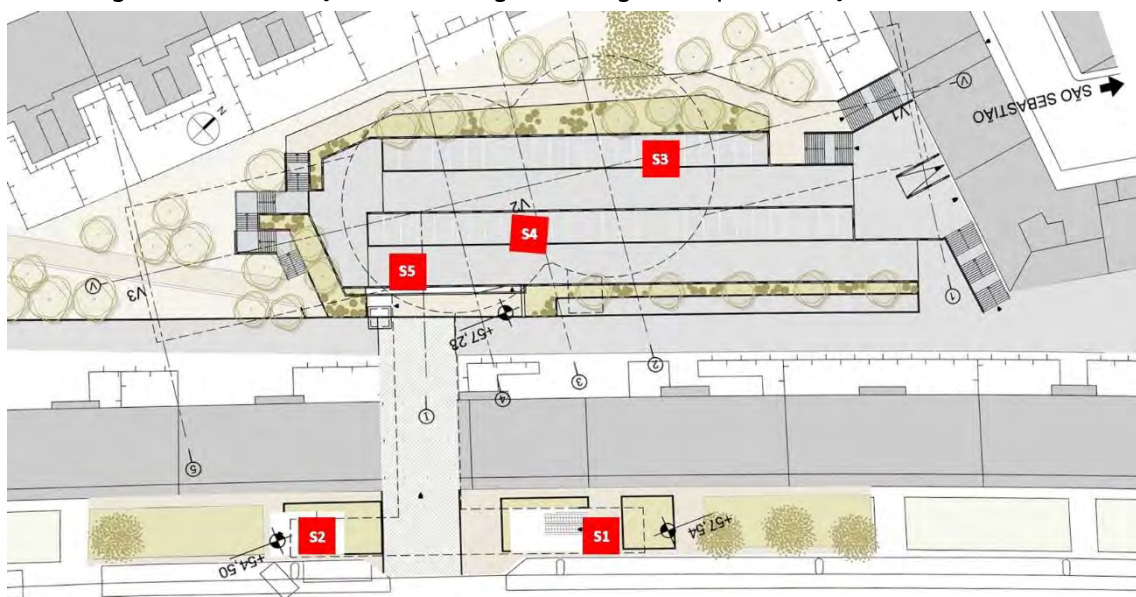


Figura 363 – Localização das mesmas 5 sondagens sobre a planta de projeto.

### 7.2.3.1 Sondagem 1

As primeiras duas sondagens desta frente de intervenção foram previstas para a área ajardinada que se estende ao longo da margem poente da Av. Infante Santo, entre os edifícios residenciais (junto dos N° 61 e 57) e o eixo rodoviário. Cada uma destas sondagens incidiu sobre o local onde serão construídas as duas saídas da Estação, a sondagem 1 mais a norte e a sondagem 2 mais a sul, no mesmo alinhamento, a aproximadamente 30m de distância entre si.

Esta zona apenas foi urbanizada na segunda metade do século XX, principalmente após a abertura da Av. Infante Santo que ligou a Estrela à Av. 24 de Julho, tendo no processo sido demolido um considerável troço do Aqueduto das Águas Livres, nos anos 50 da mesma centúria.

Em consulta à cartografia e registos fotográficos da época, verificamos que o local onde atualmente se encontram os edifícios na zona prevista para a construção da Estação de Infante Santo, e por inerência no local das sondagens arqueológicas de diagnóstico, era constituído por uma encosta baldia que formava um pequeno vale sensivelmente onde se encontra o atual eixo da avenida, e por onde percorriam algumas linhas de água. O troço demolido do aqueduto encontrava-se neste local em cota positiva e sobrelevada, justamente para transpor as colinas do vale que descaía na direção da margem ribeirinha, a mesma pendente que ainda hoje encontramos ao percorrer a Av. Infante Santo. Nestas colinas o afloramento rochoso encontra-se muito próximo da superfície, tendo a construção da avenida e dos posteriores edifícios aberto o nível rochoso para a sua implantação.



Figura 364 – Cartografia de 1911 da zona onde foi construída a Av. Infante Santo, cujo traçado atual se representa a vermelho. A azul marcam-se as sondagens 1 e 2 realizadas na sua margem.

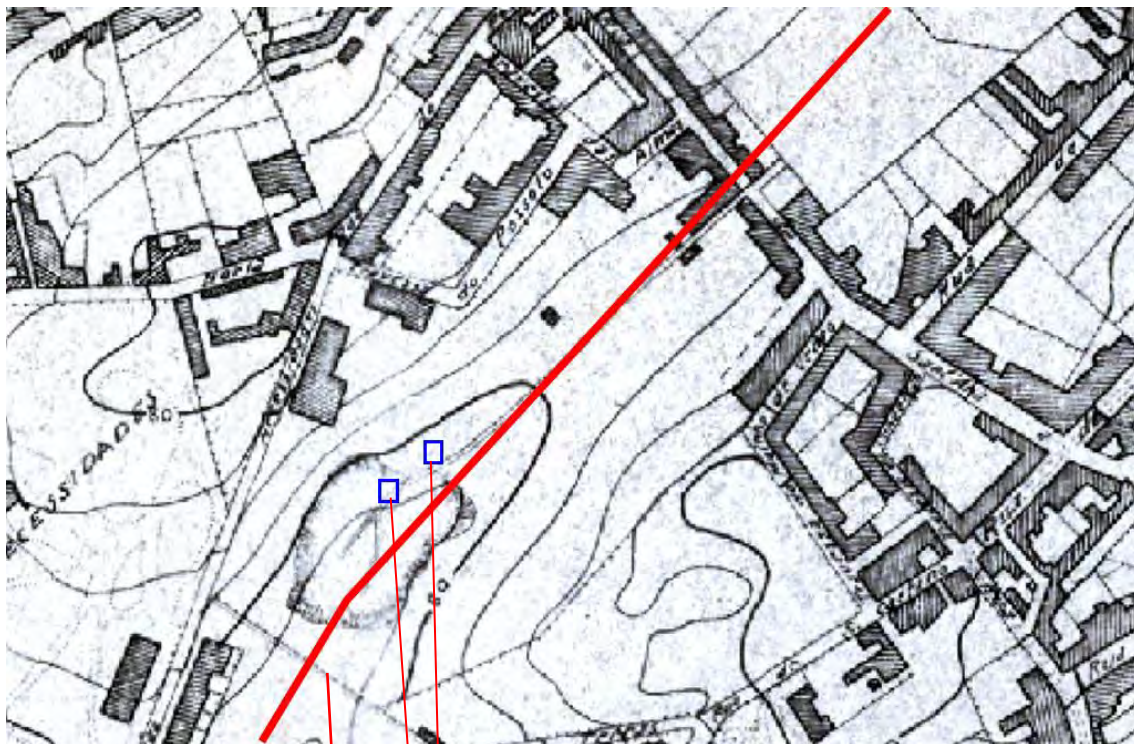


Figura 365 – Cartografia de 1940, antes de se iniciarem as obras de construção da avenida.



Figura 366 – Construção da Av. Infante Santo antes da demolição do troço do aqueduto. Observa-se na imagem o formato do vale com as respetivas colinas, tendo as sondagens arqueológicas sido realizadas na vertente esquerda da posição do observador.

Os trabalhos arqueológicos principiaram com o levantamento das realidades superficiais, tais como o lajedo em cimento que compõe o caminho por entre o relvado, UE [100], e a camada de terra vegetal composta por um sedimento de tom castanho escuro de matriz arenoargilosa e compactação média, UE [101].



Figura 367 e 368 – Aspeto geral da superfície da sondagem 1, voltada para a Av. Infante Santo, à esquerda, e para os edifícios, à direita.

A unidade [102], dispunha-se abaixo da terra vegetal que suportava o relvado, composta por uma camada homogénea de aterro, constituída por um sedimento arenoso de tom castanho, de compactação média, contendo pedra de pequeno calibre juntamente com fragmentos cerâmicos de construção.

A cerca de 65cm de profundidade surgiu uma camada homogénea de um sedimento arenoargiloso de tom castanho, pouco compacto, com abundante presença de fragmentos de tijolo contemporâneo, UE [103], o qual se estendia por uma faixa ao centro da sondagem, no sentido NE-SO. Tratava-se, portanto, de um enchimento de uma vala, a cujo interface foi atribuída a unidade [104]. Ainda no mesmo plano verificou-se que a vala cortava uma nova camada, também esta homogénea, composta por um sedimento argiloarenoso de tom castanho, contendo restos de calcário desagregado, UE [105]. Com o levantamento do enchimento [103] ficou a descoberto uma infraestrutura em fibra de cimento, UE [106], que se estendia pela vala.



Figura 369 – Identificação de infraestrutura a cerca de 80cm de profundidade.

Com o levantamento da camada [105], e alcançados os 1m de profundidade, ficou a descoberto uma nova infraestrutura, UE [107], esta constituída por uma tubagem em ferro fundido adequada à distribuição de gás e apresentando a mesma orientação NE-SO.

A este nível dispunha-se ainda a camada [108], composta por um depósito homogêneo de sedimento argiloarenoso de tom castanho, medianamente compacto, contendo elementos pétreos calcários de pequenas dimensões e fauna malacológica residual (ostras, búzios, caracoletas). Esta unidade mostrou uma correspondência com um possível depósito aluvionar, com cerca de 1,80m de espessura, dentro do qual se recolheram fragmentos de cerâmica comum de cronologia Moderna/Contemporânea, juntamente com elementos de pedra lascada em sílex, estes com indícios de rolamento (núcleos, lascas, lamelas, lâminas).



Figura 370 – Plano com identificação das infraestruturas e nova camada [108].

Considerando a necessidade em manter a integridade das infraestruturas colocadas a descoberto, a escavação avançou em profundidade pela vertente oeste através da camada [108], a qual revelou, como referido, uma elevada potência estratigráfica.

Atingidos os 2,80m de profundidade identificou-se outro possível depósito aluvionar, UE [109], com cerca de 60cm de espessura e de matriz sedimentar muito semelhante ao primeiro, mas com uma coloração mais escura e com uma maior abundância de elementos pétreos calcários de pequena e média dimensão. Deste depósito recolheu-se apenas um fragmento de cerâmica manual e alguns elementos de pedra lascada em sílex. Este último depósito encontrava-se a cobrir o substrato geológico, UE [110], e conseqüente desagregação, pelo que apresentava uma coloração avermelhada. A este nível foram alcançados os cerca de 4m de profundidade máxima.



Figura 371 – identificação de um novo depósito sedimentar, UE [109].





Figura 372 – Aspeto geral do substrato natural, UE [110], abaixo dos depósitos aluviários.

Importa aqui retomar o perfil geológico do local, em particular a sua posição nos baixios de um vale rochoso por onde correriam cursos de água, um dos quais deixou a sua marca nos depósitos sedimentares e nos elementos pétreos e cerâmicos com claros indícios de rolamento aqui identificados. Por este motivo, apesar de terem sido recolhidos testemunhos que podemos associar a cronologias mais recuadas, os mesmos são de origem incerta, não se encontrando em uma deposição primária. Ainda assim, o seu valor intrínseco não se deve desconsiderar.

### 7.2.3.2 Sondagem 2

A segunda sondagem foi disposta, como referido, a uns 30m para sudoeste da primeira, partilhando a mesma realidade superficial, o que fazia antever alguma correspondência com as unidades anteriores, pelo menos ao nível do prolongamento das infraestruturas e possivelmente dos depósitos mais profundos.



Figura 373 – Aspeto geral do plano inicial da sondagem 2 junto do edifício com o N.º 57.

Os trabalhos, também neste caso, principiaram com a remoção das camadas superficiais, as unidades [200] e [201] que compunham a área ajardinada, a primeira correspondente ao solo vegetal onde assentava o relvado e a segunda composta por um sedimento arenoargiloso de tom castanho claro, compacto, contendo elementos pétreos de pequeno calibre e elementos naturais como raízes.

Sob a unidade [200] identificou-se, no canto norte da sondagem, um enchimento que correspondia a um nível de entulho, UE [202], contendo areias, fragmentos de tijolo recente e também de fragmentos de tubagem de fibra de cimento. A sua área de ocupação era de 1,10m de comprimento por 30cm de largura. Podemos aqui estar perante a desativação de uma infraestrutura indeterminada, cuja interface foi atribuída a UE [203], ou possivelmente do hipotético prolongamento da infraestrutura [106], identificada na sondagem 1.



Figura 374 – Identificação do enchimento [202] e interface [203].

Na mesma vertente onde foram identificadas as unidades [202] e [203] encontrou-se um enchimento heterogéneo, UE [204], que cobria uma reparação/substituição à tubagem em ferro que se estendia abaixo, UE [208], a mesma identificada na sondagem 1 como unidade [107]. Esta

composição correspondia a uma substituição da infraestrutura [208] por uma nova conduta de gás em polietileno, UE [205], com uma orientação SO-NE, utilizando a antiga tubagem em ferro como guia. A unidade [206] correspondia à vala de assentamento da tubagem [205] e a unidade [209] à vala de implantação da infraestrutura [208].

O remanescente da sondagem estava ocupado pela UE [210], um sedimento homogêneo de tom castanho claro, arenoso, de compactação média, estendendo-se este plano a cerca de 60cm de profundidade.



Figura 375 – Identificação de infraestrutura [205].



Figura 376 – Pormenor do intrincado de tubagens presentes na mesma infraestrutura.

Com o levantamento da camada [210] ficou a descoberto o substrato natural, UE [211], correspondente ao observado na sondagem anterior, porém, aqui não foram identificados os níveis sedimentares dispostos na sondagem 1, nem a presença de elementos arqueológicos de igual natureza aos recolhidos anteriormente. Relacionamos este aspeto com o facto de a primeira sondagem ter coincidido com um antigo curso de água, o que não aconteceu com a segunda sondagem, justificando assim a ausência dos depósitos sedimentares e a reduzida fundura até ao nível rochoso, atingindo a sondagem 2 uma profundidade máxima de 1,30m.



Figura 377 – Plano final da sondagem 2.

### 7.2.3.3 Sondagem 3

As próximas três sondagens foram dispostas pela encosta que se desenvolve no tardo dos edificios voltados para a Av. Infante Santo, até ao limite da Calçada das Necessidades que se estende pelo topo. Recorrendo uma vez mais à fisionomia geológica do local, destacamos a acentuada pendente e a presença dos níveis rochosos aflorando muito próximos da superfície. Ainda que as sondagens seguintes tenham sido distribuídas em diferentes níveis topográficos, como veremos, estando a sondagem 3 no ponto mais elevado descaindo em direção à sondagem 5, a potência estratigráfica revelou-se semelhante e com uma potência bastante reduzida.

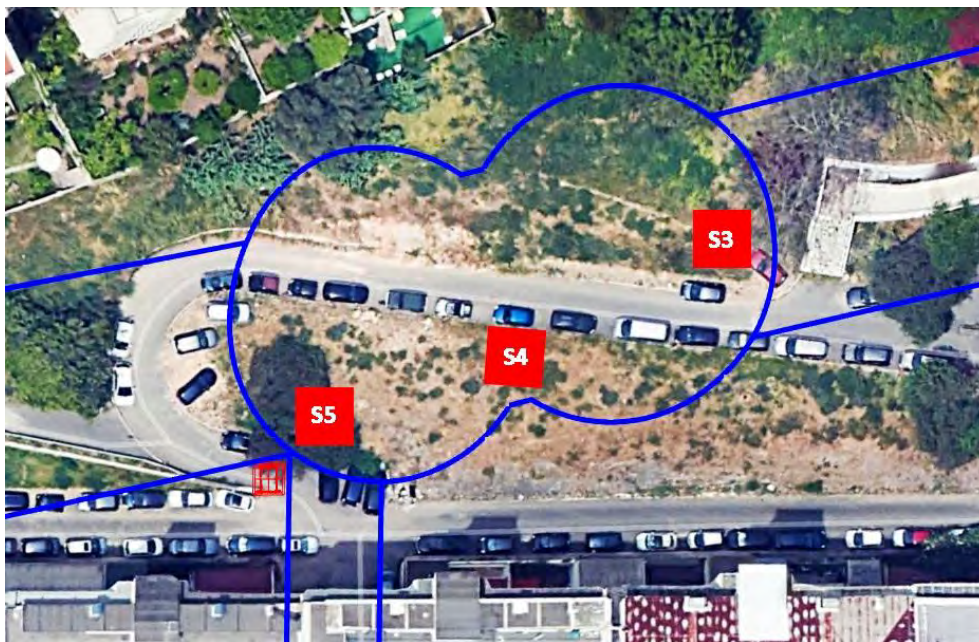


Figura 378 – Distribuição das sondagens 3, 4, e 5 sobre a encosta poente do vale da Infante Santo.



Figura 379 e 380 – Aspeto geral da acentuada encosta onde foram dispostas as sondagens 3, 4 e 5.



Figura 381 e 382 – Aspeto geral da acentuada encosta onde foram dispostas as sondagens 3, 4 e 5.

A implantação da sondagem 3 não permitiu dispor de uma dimensão de 3x3m, devido à reduzida largura disponível por entre a pendente do terreno. Para o efeito, a sondagem foi ajustada a um pequeno socalço tendo sido disposta com 4x2,25m. A sua localização considerou a zona norte do poço de ataque para a construção da futura Estação.

Desta forma, com a remoção da camada vegetal [300], e do depósito [301], composto por um sedimento areno-siltoso de tonalidade amarela e avermelhada, muito compacto, revelou a presença de elementos pétreos, principalmente basaltos de pequena, média e grande dimensão, juntamente com alguns materiais de cronologia contemporânea. Ambos os depósitos se encontravam a cobrir o substrato geológico, UE [302], composto pela camada calcária, não tendo sido identificadas realidades de valor arqueológico. A sondagem 3 alcançou os 1,60m de profundidade máxima.



Figura 383 – Plano inicial da sondagem 3.



Figura 384 – Camada intermédia correspondente à unidade [301].



Figura 385 – Plano final da sondagem 3.

#### 7.2.3.4 Sondagem 4

A sondagem 4 foi disposta sensivelmente a meia encosta e ao centro da área de intervenção, tendo neste caso sido possível implantar uma dimensão de 3x3m.

A remoção do nível de aterro/camada vegetal, ao qual foi atribuída a unidade [400], revelou um enchimento constituído por um sedimento cinzento, siltoso, de compactação média e perfil homogéneo, UE [401], o qual preenchia uma estrutura negativa de função indeterminada, UE [402], de planta circular com cerca de 50cm de diâmetro e uma profundidade máxima de 30cm. Este negativo provocara uma afetação aos depósitos subsequentes, [403] e [404], o primeiro composto por um sedimento homogéneo, areno-siltoso de tom castanho claro e avermelhado, afigurando corresponder a uma desagregação do estrato geológico, e o segundo constituído pelo próprio substrato. A sondagem 4 alcançou os 1,30m de profundidade máxima.



Figura 386 – Camada dominante [403] e negativo circular [402] preenchido pela camada [401].



Figura 387 – Plano final da sondagem 4 com o substrato geológico a descoberto.

### 7.2.3.5 Sondagem 5

A quinta e última sondagem, disposta a uma cota inferior da encosta com uma dimensão de 3x3m. No plano inicial da sondagem era visível, logo à partida, o afloramento rochoso em partes da superfície. A remoção da unidade [500], constituída por um aterro contemporâneo de pouca potência, permitiu identificar uma tubagem em polietileno de função indeterminada (sem qualquer sinalização), UE [501], cuja vala implantação [502] apenas afetou o substrato geológico, UE [503]. Este último ficou exposto em toda a área da sondagem, não se tendo identificado qualquer realidade arqueológica, alcançando uma profundidade máxima de 1,45m.



Figura 388 – Plano inicial da sondagem 5.





Figura 389 – Plano final da sondagem 5.

Como foi possível constatar, as três últimas sondagens realizadas na encosta, que descai desde a Calçada das Necessidades até Av. Infante Santo, não revelaram incidências de valor arqueológico. A sua reduzida potência estratigráfica e o substrato rochoso a pouca profundidade, não comportavam a subsistência de potenciais elementos arqueológicos.

## 7.2.4 Estação de Alcântara

O prolongamento da Linha Vermelha terá como Estação terminal a de Alcântara. Esta Estação será construída em cota positiva e sobrelevada do nível de superfície por intermédio de um viaduto. De facto, entre o edifício localizado na interceção da Rua da Costa com a Rua Maria Pia, a nascente, junto ao Baluarte do Livramento, e o acesso à Ponte 25 de Abril, junto da Av. de Ceuta, a poente, todo este troço do Metropolitano será construído sobre um viaduto elevado. Por este motivo, a afetação prevista incide sobre os pontos estipulados para a construção dos pilares de suporte, e respetivas sapatas, tanto da Estação como do viaduto da Linha.

Apesar de inicialmente se ter previsto a realização de 2 sondagens de diagnóstico no local, de 5x5m cada, localizadas na área de construção de parte dos pilares projetados para o viaduto e Estação, devido a condicionalismos relacionados com o desvio de infraestruturas, corte de vias rodoviárias e mesmo abate de árvores de grande porte, não foi possível implementar sondagens de diagnóstico em todos os locais previstos para afetação na construção dos pilares, ou mesmo alcançar uma incidência exata.

Por este motivo, foi comunicado junto da Tutela que para a intervenção arqueológica no lugar de Alcântara, as condições apenas serão criadas aquando da fase de execução, ficando acordado que a escavação a realizar para efeitos de construção dos pilares irá obedecer ao modelo de escavação arqueológica com apoio mecânico, como medida de salvaguarda.

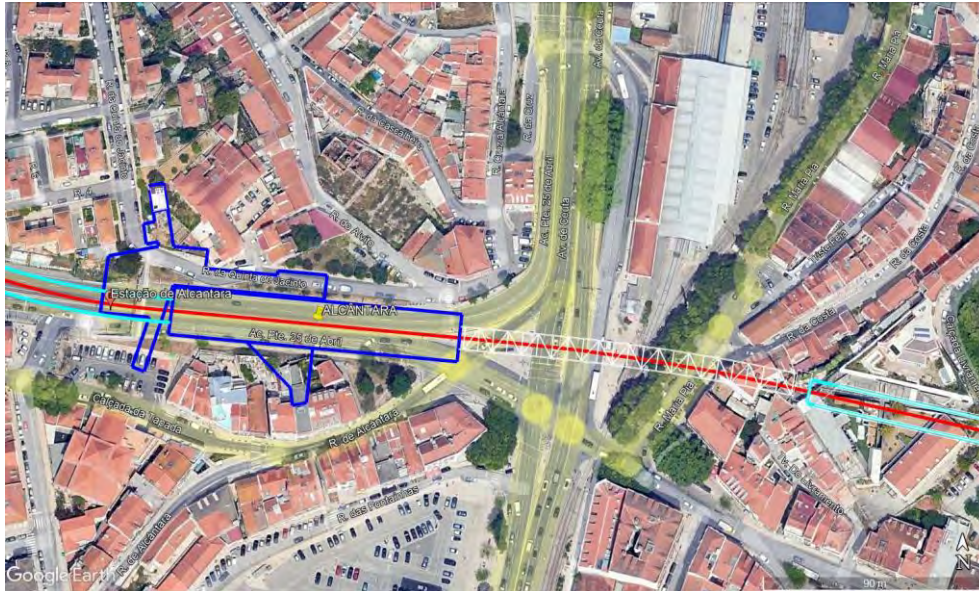


Figura 390 – Ortofoto da área de construção da futura Estação de Alcântara e viaduto de ligação.

## 7.2.5 Poço de Ventilação 211

O primeiro poço de ventilação (PV) projetado para o novo traçado da Linha Vermelha será construído na zona das Amoreiras, em um espaço ajardinado que se dispõe entre o limiar da Rua Gorgel do Amaral e o término da Travessa do Barbosa, confinando a norte com o limite do reservatório de água da EPAL. No local foi realizada uma sondagem de diagnóstico de 3x3m, coincidente com a área de afetação prevista para a abertura do PV211.



Figura 391 – Localização da sondagem de diagnóstico para o PV211.

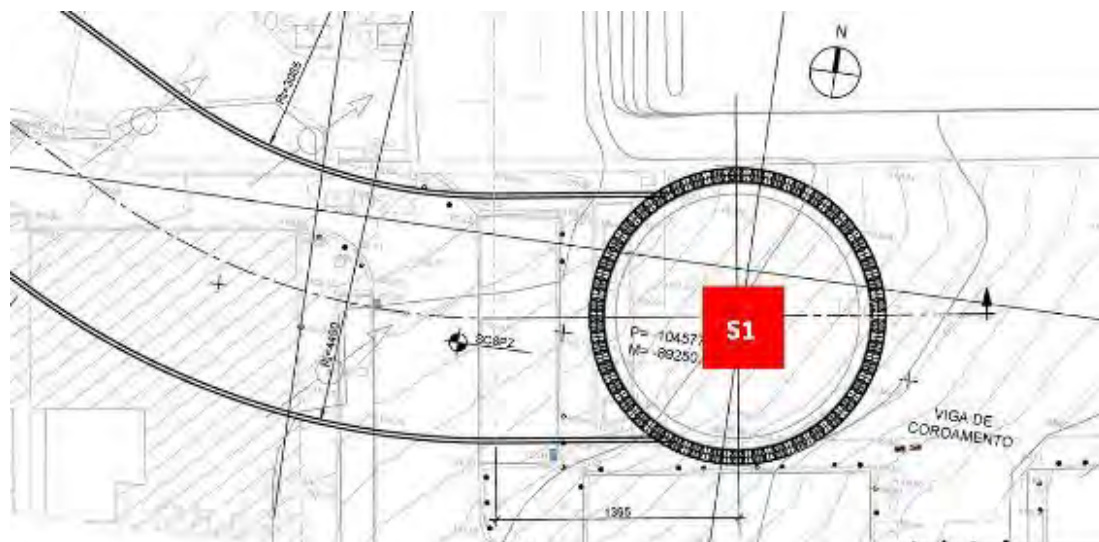


Figura 392 – Localização da mesma sondagem sobre a planta de projeto.

O início da intervenção arqueológica ficou reservado ao levantamento da camada vegetal da área ajardinada, UE [700], juntamente com os aterros contemporâneos heterogêneos [701], composto por sedimento argiloarenoso, compacto, de tom castanho claro, com bolsas de um sedimento argiloso de tom vermelho e castanho mais escuro, e a unidade [702], composta por sedimento arenoso, também compacto, de tom bege, com inclusões de material de construção.



Figura 393 – Aspeto geral da área ajardinada onde será construído o PV211. Na margem direita da imagem encontra-se o limite do reservatório da EPAL.



Figura 394 e 395 – Unidades de aterro [700] e [701].

A remoção da unidade [702] colocou a descoberto duas novas realidades: a UE [703] correspondente ao substrato geológico e a UE [704], a que correspondia uma estrutura que constitui um alicerce em alvenaria, composto por pedra calcária tosca de média dimensão, com ligante em argamassa de areia e cal de tom esbranquiçado, com uma orientação norte-sul e cujo topo se encontrou perto do 90cm de profundidade. Verificou-se que este alicerce foi implantado diretamente sobre o substrato natural.



Figura 396 – Plano final da sondagem no PV211.



Figura 397 – Aspeto do alicerce em alvenaria [704] observando o corte oeste da sondagem.

A sondagem realizada no local do futuro PV211 revelou a presença de camadas de aterro e uma estrutura murária de pouca expressão e sem espólio associado, compatível com o contexto rural e de quintas aqui instaladas até meados do século XX. Nesta sondagem foi alcançada uma profundidade máxima de 1,40m, num nível natural e arqueologicamente estéril.

## 7.2.6 Poço de Ventilação 215

O poço de ventilação 215 encontra-se projetado para o bairro de Campo de Ourique, mais precisamente no terreno baldio que se localiza no término da Rua Professor Gomes Teixeira, limitado a norte pelo muro do Cemitério Alemão e a sul pela Escola Básica Eng. Ressano Garcia.

De forma semelhante ao caso anterior, também para o local do PV215 foi implementada 1 sondagem de diagnóstico de 3x3m, dentro dos limites de afetação previstos para a sua construção.



Figura 398 – Localização da sondagem de diagnóstico para o PV215.

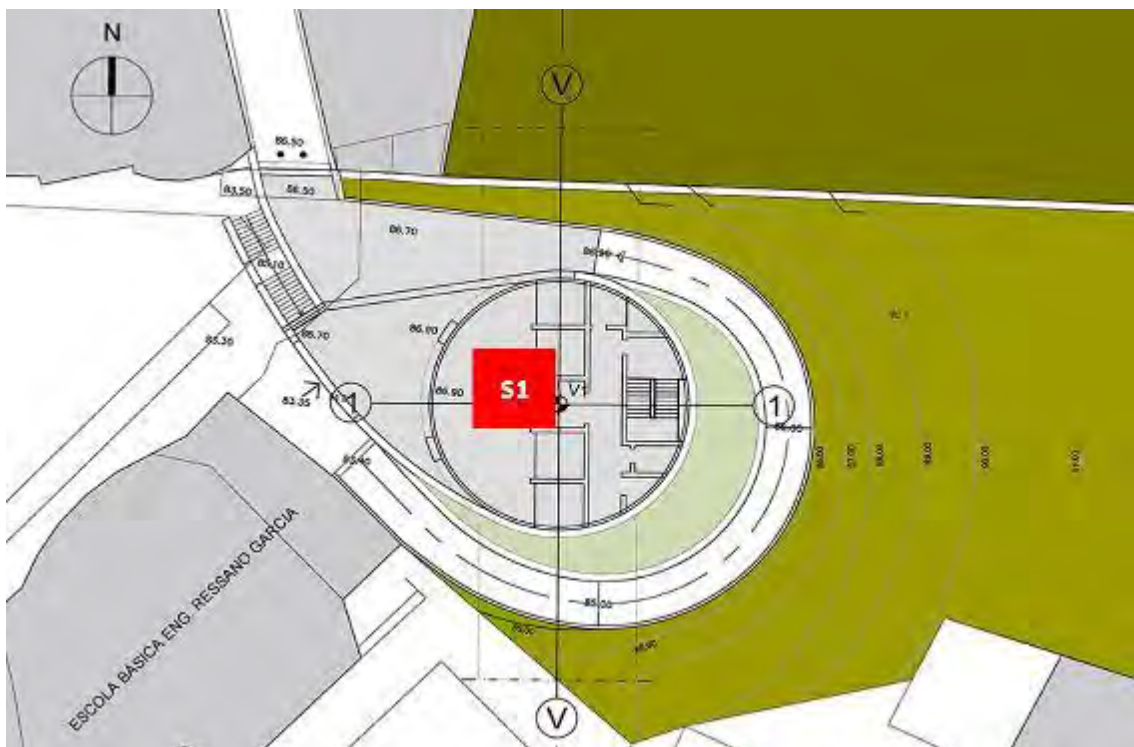


Figura 399 – Localização da mesma sondagem sobre a planta de projeto.

A intervenção principiou com o levantamento do sedimento que suportava o manto vegetal, UE [100], sob o qual se identificou uma camada de enchimento, [101], correspondente a um sedimento homogéneo, areno-siltoso, solto, o qual preenchia uma estrutura negativa, UE [102], uma vala escalonada localizada no limite oeste da sondagem e para lá deste.



Figura 400 e 401 – Aspeto geral do plano inicial da sondagem no PV215.

Verificou-se que a abertura da estrutura negativa [102] afetou a unidade [103], um depósito heterogéneo correspondente ao substrato geológico aqui colocado em deposição secundária.



Figura 402 – Unidades [102] e [103].

Abaixo da camada [103] identificou-se o enchimento [104], o qual preenchia uma outra estrutura negativa, UE [105], uma vala de planta retilínea, paredes verticais e fundo plano, com uma orientação norte-sul. Ambas as estruturas negativas identificadas, [102] e [105], afetaram o substrato geológico calcário, UE [106]. Tendo sido alcançado o nível natural, o qual revelou uma pendente este-oeste que se estendia por uma profundidade variável entre os 40 a 90cm, e atingindo uma profundidade máxima de apenas 1m, deram-se por concluídos os trabalhos no PV215, sem que tenham sido identificados elementos de valor arqueológico.



Figura 403 – Vala [105] identificada por entre o substrato geológico [106].



Figura 404 – Plano final da sondagem no PV215 ao nível do substrato geológico [106].

### 7.2.7 Poço de Ventilação 217

O terceiro poço de ventilação foi projetado para a zona terminal da nova Linha, após a Estação de Alcântara. O local coincide com a área florestada de Monsanto, entre o acesso rodoviário à Ponte 25 de Abril e a Rua da Quinta do Jacinto, no bairro do Alvito.

Considerando aqui a maior dimensão prevista para a abertura do poço, foi estipulada a realização de 2 sondagens de diagnóstico de 3x3m cada.



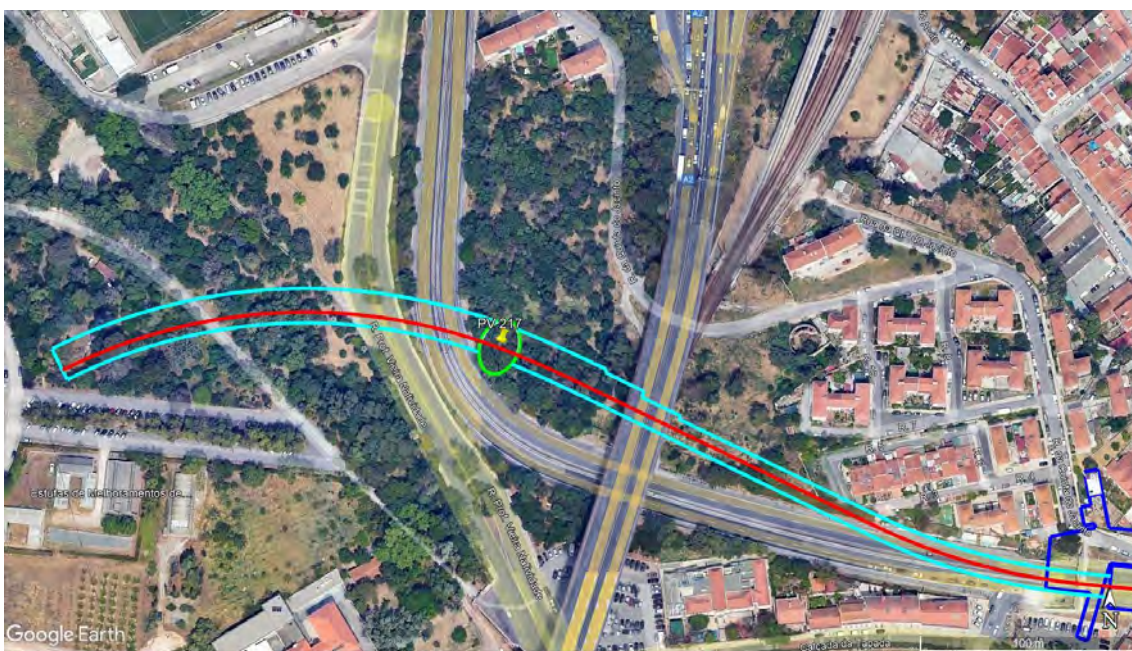


Figura 405 – Localização da área de construção do PV217, junto do acesso e viaduto da Ponte 25 de Abril.

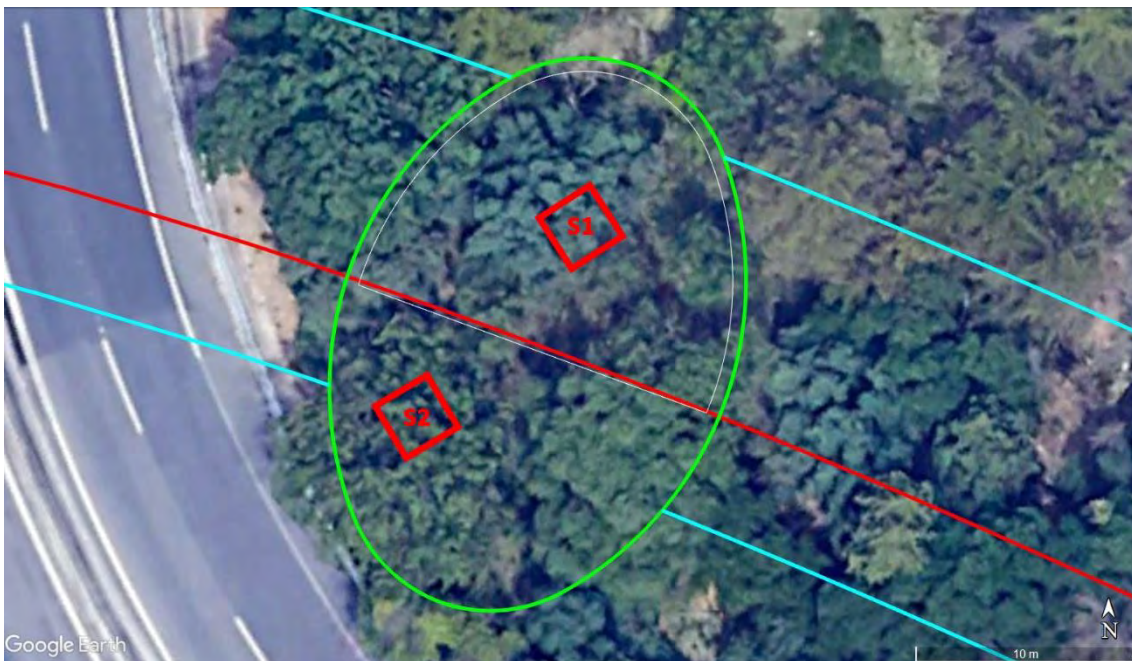


Figura 406 – Disposição das 2 sondagens no interior do perímetro de afetação do PV217.

O espaço encontrou-se, como esperado, dominado pela vegetação que prolifera no local, neste caso vegetação rasteira e alta e algumas árvores de médio e grande porte. A disposição das sondagens considerou um ligeiro afastamento do arvoredo de maior porte, tendo a sua área de implantação sido desmatada da vegetação mais rasteira que cobria a superfície.



Figura 407 e 408 – Aspeto geral do local do PV217 antes da intervenção arqueológica.

### 7.2.7.1 PV217 – Sondagem 1

Após a limpeza da vegetação, a superfície da sondagem 1 revelou a presença de um sedimento argiloarenoso, de tom castanho, pouco compacto, por onde se estendia o manto vegetal. Apresentava inclusões de pedra calcária de pequena dimensão e nódulos calcários em desagregação, conferindo uma tonalidade mais clara ao sedimento em forma de manchas derivadas destas bolsas. A esta camada superficial foi atribuída a unidade [100].



Figura 409 – Plano inicial da sondagem 1 no local do PV217.

A camada superficial revelou uma potência estratigráfica pouco superior a 1m, tendo sido alcançada a unidade [101], correspondente a um sedimento argiloarenoso de tom avermelhado, compacto, contendo material de construção contemporâneo juntamente com nódulos naturais de sílex, sem indícios ou marcas antrópicas ou talhe. Esta segunda camada apenas mostrou uma espessura na ordem dos 30cm, até alcançar a unidade [102], um sedimento de matriz argiloarenosa de tom castanho, pouco compacto, contendo entulhos compostos por material de construção contemporâneo. Esta concentração associa-se às demolições de parte do bairro do Alvito e à construção da Ponte 25 de Abril, operações com grande impacto na paisagem e no subsolo, provocado nos anos 60 do século XX.



Figura 410 – Aspeto geral da camada [101].



Figura 411 – Aspeto geral da camada [102].

A unidade [102] também mostrou uma potência estratigráfica modesta, na ordem dos 35cm, até ao alcance da unidade [103], composta por um sedimento argiloso de tom vermelho, bastante compacto, aqui associado ao substrato natural, neste caso com o *Complexo Vulcânico de Lisboa* (CVL) que aflora localmente, revelando-se arqueologicamente estéril. A sondagem 1 alcançou uma profundidade máxima de 2,10m.



Figura 412 – Plano final da sondagem 1 com a UE [103].



Figura 413 – Perfil norte da sondagem 1.

### 7.2.7.2 PV217 – Sondagem 2

A segunda sondagem no local do PV217 foi disposta a sul da primeira, mais próxima da berma da via de acesso à Ponte 25 de Abril, ainda que o manto vegetal e camada superficial tenham correspondência entre ambas as sondagens.

Assim, a unidade [200] era composta pelo mesmo sedimento argiloarenoso de tom castanho, pouco compacto, o qual apresentava inclusões de pedra calcária de pequena dimensão e nódulos calcários em desagregação. No entanto, aqui a potência estratigráfica da camada superficial foi apenas de 45cm.

No plano seguinte afiguraram-se duas novas unidades: [201] composta por um sedimento arenoso de tom castanho, de grão fino pouco compacto, contendo alguns elementos de construção contemporâneos; [202] composta por um sedimento argiloarenoso de tom castanho claro e avermelhado, contendo inclusões de pedra calcária e basáltica de pequena dimensão, assim como algum material de construção, entre os quais se destacaram dois tijolos maciços com marca de fabricante (Sylvain Bessiére e Empresa Cerâmica de Lisboa), cujas produções remontam

aos finais do século XIX, os quais, uma vez mais, se associam às demolições ocorridas nas imediações aquando da construção da Ponte 25 de Abril.



Figura 414 – Unidades [201] e [202].

A unidade [201] correspondia a uma espécie de bolsa de areia de pouca espessura. Com o levantamento das camadas [201] e [202] ficaram a descoberto as unidades [203], um maciço em cimento que estaria, muito provavelmente, associado às obras de construção dos acessos e pilares da ponte, e a [204] que compunha uma camada de sedimento de matriz argiloarenosa de tom vermelho escuro, compacta e com algumas inclusões de material de construção contemporâneo (tijolo furado, telha, etc.).



Figura 415 – Unidades [203] e [204].

Abaixo de todas estas realidade, e à semelhança da UE [103] a que se associa o substrato natural constituído pelo *Complexo Vulcânico de Lisboa*, foi identificada a unidade [205] em torno dos 2m de profundidade, composta por um sedimento argiloso de tom vermelho vivo, bastante

compacto e que se revelou arqueologicamente estéril, tendo sido alcançados 2,40m de profundidade máxima.



Figura 416 – Plano final da sondagem 2 do PV217 onde assenta a UE [205].



Figura 417 – Perfil oeste da sondagem 2.

## 7.2.8 Palácio Fiúza

O edifício que constituiria o Palácio Fiúza, de fundação seiscentista, encontra-se junto da atual Rua da Quinta do Jacinto, no bairro do Alvito. As dimensões do seu conjunto, edificado e cerca, eram superiores às que subsistem atualmente, tendo sido profundamente afetadas em período recente, aquando a abertura do acesso rodoviário à Ponte 25 de Abril que provocara a amputação da Travessa do Fiúza, da Rua do Cinco de Abril e do próprio palácio, forçando o desmorte do bloco sul e redução da sua cerca, a oeste.



Figura 418 – Planta do bairro Alvíto em 1953 com os limites do edifício palácio Fiúza marcados a vermelho (Fonte: Arquivo Municipal Digital).



Figura 419 – Ortofoto do mesmo local na atualidade com os anteriores limites marcados a vermelho, observando a ausência do bloco sul do edifício.



Figura 420 – Demolição do bloco sul do palácio Fiúza em 1966, na sequência da construção do acesso à Ponte 25 de Abril. A fachada que se observa na imagem foi a que se manteve até ao presente.

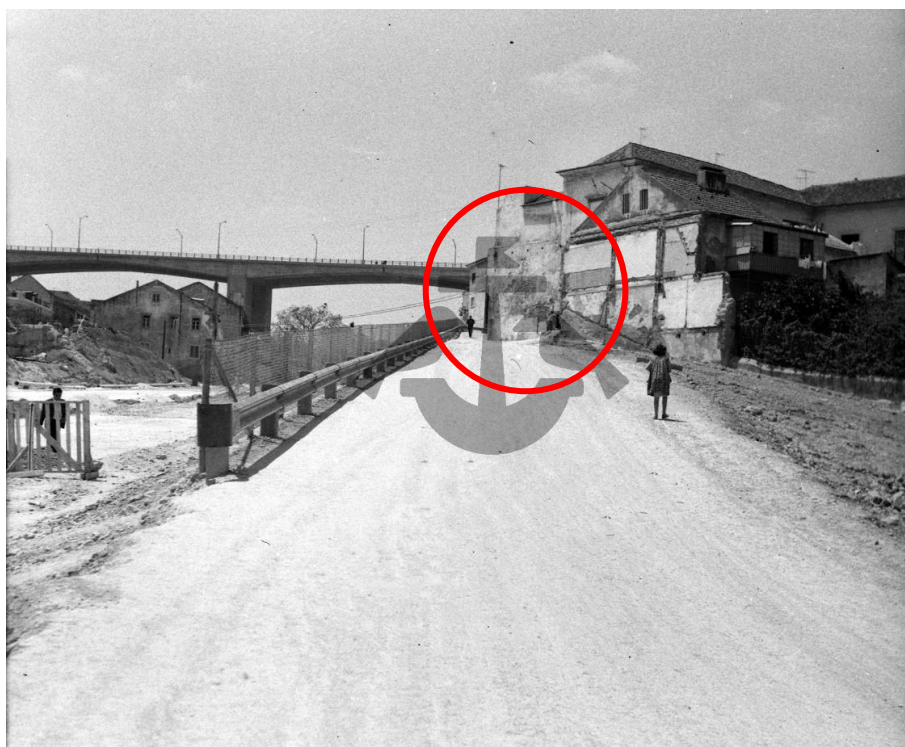


Figura 421 – Construção da ligação à Ponte 25 de Abril e da nova ligação à Rua da Quinta do Jacinto. Destaca-se o bloco sul do palácio após as demolições, o mesmo cumhal que subsiste no local.



O atual limite sul do edifício encontra-se na interceção do projeto, neste caso referente às novas vias rodoviárias de acesso à ponte 25 de Abril, a construir no âmbito da Estação de Alcântara. A atual composição do edifício revela a presença de anexos de construção claramente contemporânea, assim como a reformulação de algumas secções do topo, convertidas em espaços residenciais. Porém, junto ao cunhal sul a estrutura ainda ostenta as janelas de sacada com gradeamento de ferro, dispostas ao nível do primeiro piso, atualmente emparedadas com a cantaria a descoberto. Uma destas janelas com varada voltada a sul, cuja presença se observa nas imagens anteriores, já existia antes da demolição do bloco sul e que, neste caso, já estaria entaipada aquando das obras dos anos sessenta.

Considerando a afetação da secção sul do edifício foi proposta a realização de 1 sondagem arqueológica de diagnóstico, implantada no exterior junto ao alçado sudoeste e adaptada à forma irregular do passeio, até ao limite do lancil de forma a abranger o cunhal. A sondagem no subsolo tinha como objetivo a observação da fundação da fachada e a identificação de eventuais elementos caracterizantes da estrutura. Esta medida seria complementada por sondagens parietais, conforme se detalha no capítulo seguinte.

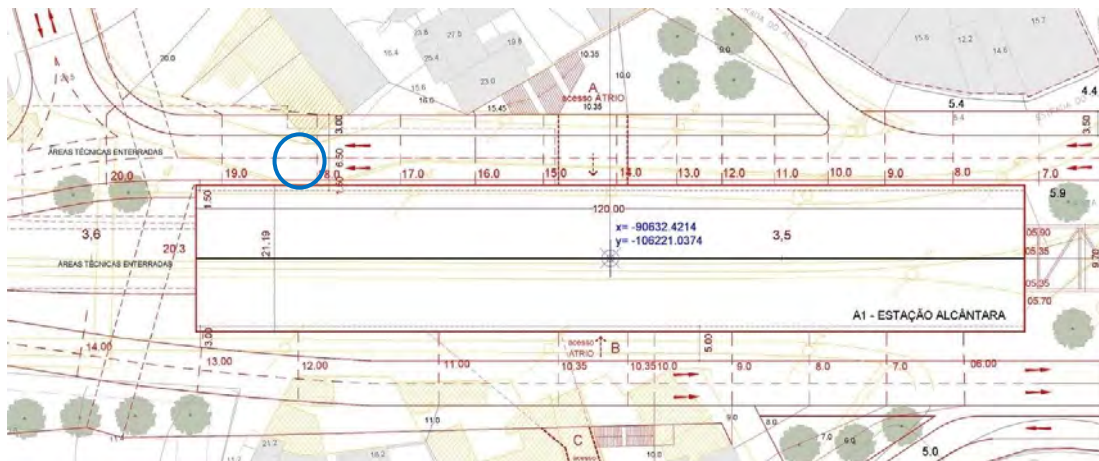




Figura 424 – Disposição da sondagem junto à fachada exterior do edifício.

O local de intervenção encontrou-se pavimentado com calçada composta por blocos calcários, à qual foi atribuída a primeira unidade estratigráfica [100]. Abaixo dos blocos pétreos e da camada de assentamento composta por pó de pedra, encontrou-se uma nova camada composta por um sedimento argiloarenoso, compacto, contendo material de construção contemporâneo, sobretudo tijolo.



Figura 425 e 426 – Local de intervenção com a calçada [100] e camada subsequente [101].

A pouca profundidade, em torno dos 30cm, dispunha-se junto da fachada do edifício uma bolsa de *tout-venant*, UE [102], a qual, por sua vez, cobria uma outra mancha composta por elementos descartados da composição de betuminoso (restos de alcatrão e brita), provavelmente associados às obras de abertura da presente via nos anos sessenta. De facto, abaixo dos limites desta mesma mancha ainda subsistia um pavimento em betuminoso, UE [104], em torno dos 80cm de profundidade, entretanto desabilitado e afetado tanto pela subida de cota para

implantação da calçada, assim como pela instalação de infraestruturas em momento recente. Junto a este pavimento encontrou-se uma camada composta por um sedimento arenoso, de grão fino, pouco compacto, de tom castanho claro, à qual foi atribuída a unidade [105].



Figura 427 – Unidades [104] e [105].

O levantamento das unidades [104] e [105] deixou a descoberto um conjunto de novas realidades, neste caso compostas por diferentes infraestruturas contemporâneas. Assim, verificou-se que a camada de areia [105] protegia uma tubagem em PVC, UE [106], assente em uma vala, [107]. Abaixo da [104] encontrou-se a unidade [108], constituída por um depósito heterogéneo contendo um sedimento argiloarenoso de tom castanho, pouco compacto, a que correspondia um nível de aterro recente.



Figura 428 – Identificação das unidades [105] a [109].

O levantamento da camada [108] revelou a presença de mais infraestruturas, aqui protegidas por placas de cimento (com marca CAVAN gravada), cuja composição se associa à rede de distribuição elétrica e iluminação pública. Entre esta infraestrutura e a fachada do edifício ainda se identificou uma camada de sedimento arenoso, de grão fino, de tom castanho e pouco compacto, a que se associam mais infraestruturas contemporâneas.

A sondagem alcançou uma profundidade máxima de 1,40m sem que tenham sido identificados elementos de valor arqueológico. A concentração das diversas infraestruturas que se estendem pelos limites da calçada justifica-se pelo facto de a estrada aberta nos anos sessenta, que passa junto da fachada do antigo palácio, assentar maioritariamente sobre um viaduto, o que limitou a instalação das infraestruturas ao reduzido espaço disponível junto do edifício. A sua disposição inviabilizou a progressão dos trabalhos arqueológicos em profundidade, considerando que as infraestruturas se encontram em carga, apenas sendo possível aprofundar os trabalhos aquando do desvio das mesmas, previsivelmente em fase de execução do projeto.

Desta forma, recomenda-se que em fase de obra, e após desviadas as referidas infraestruturas, seja dada continuação em profundidade à área intervencionada, de forma a completar a leitura do alçado da fundação da fachada e verificação da potencial subsistência de elementos arqueológicos e/ou patrimoniais que possam ainda residir nos estratos mais profundos.



Figura 429 – Plano final da sondagem arqueológica junto da fachada do antigo Palácio Fiúza.

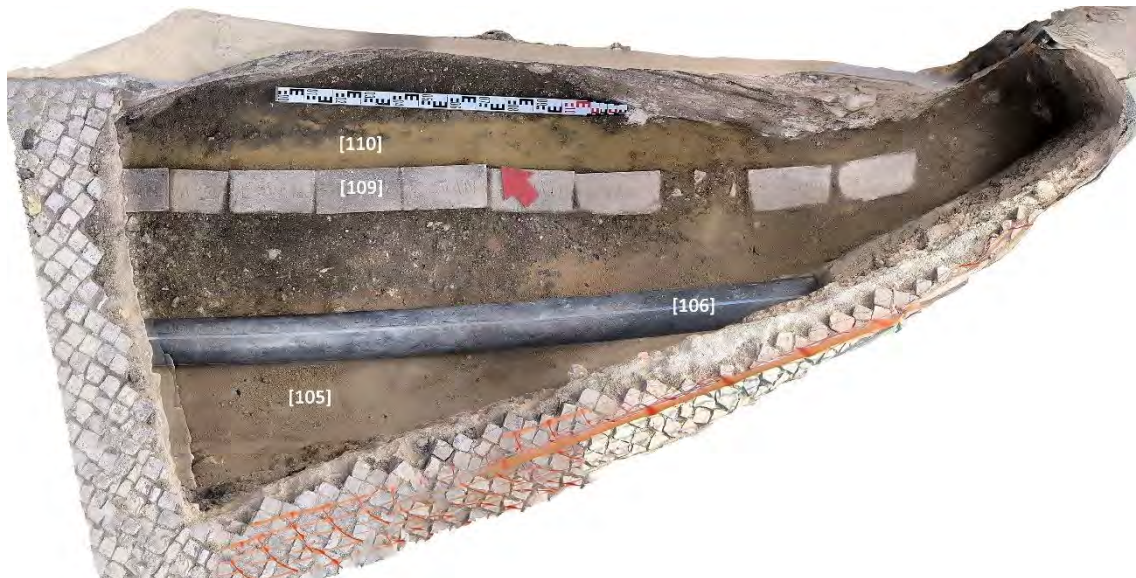


Figura 430 – Fotogrametria do plano final da sondagem.



Figura 431 – Pormenor da base em viaduto da estrada que passa junto da fachada do edifício.



Figura 432 e 433 – Fachada poente junto da qual foi realizada a sondagem e fachada nascente onde se mantém a janela entaipada e varandim que se observava antes das obras dos anos sessenta.

### 7.2.8.1 Sondagens Parietais

No seguimento dos trabalhos arqueológicos realizados junto da fachada do edifício do antigo Palácio Fiúza, foi proposta a realização de sondagens parietais no alçado exterior poente e nascente, voltados para a atual Rua da Quinta do Jacinto, obedecendo aos mesmos objetivos primordiais da sondagem realizada no subsolo local, isto é, a identificação de elementos patrimoniais e arquitetónicos com vista à caracterização da estrutura do edifício.

As sondagens parietais desenvolveram-se em torno do cumhal sul do edifício mais proeminente do antigo palácio, para o qual se prevê uma afetação no decurso da execução da empreitada de construção da Estação de Alcântara e novos acessos subjacentes. Para o efeito, foram realizadas 2 sondagens parietais, a sondagem parietal 1 (SP1) de 5x1m disposta para poente do cumhal e outra de 3x1m disposta para nascente, num total de 8m<sup>2</sup>. Esta configuração permitiu colocar a descoberto o aparelho construtivo do alçado em uma faixa contínua, de forma a alcançar uma leitura abrangente da sua estrutura interna.

O interior do espaço nesta secção encontrou-se ocupado pelo funcionamento de um estabelecimento empresarial, mostrando paredes cobertas por pladur, pelo que não foi possível nesta fase realizar algum tipo de diagnóstico pelo interior do edifício.



Figura 434 – Vista geral dos alçados nascente e poente do bloco sul do antigo Palácio Fiúza, destacando-se a zona do cumhal marcada para afetação.



Figura 435 – Disposição das sondagens parietais, a vermelho, e da sondagem arqueológica, a azul, junto do cunhal sul do edifício.

### 7.2.8.1.1 Sondagem parietal 1

A primeira sondagem parietal (SP1), a de maiores dimensões (5x1m), foi disposta no alçado nascente, elevada a cerca de 80cm da calçada e estendendo-se até à cantaria que constituiu o próprio cunhal.

A superfície encontrou-se revestida por duas camadas de tinta: uma de tom branco e com cerca de 1mm de espessura que cobria a cantaria do cunhal, à qual foi atribuída a unidade estratigráfica murária (UEM) [100], e outra de tom amarelado/creme, com cerca de 2mm de espessura, que cobria toda a restante superfície da fachada, UEM [101].



Figura 436 – Camadas de tinta superficiais na SP1.

Com o levantamento das camadas superficiais ficaram a descoberto novas realidades, porém, constituindo elementos recentes, em particular na curiosa presença de grafites com evocações de ordem política. A estas marcas foi atribuída a UEM [102], composta por alguns registos em tom vermelho, que se associam a um momento mais recente, e outro constituído por letras grandes onde se consegue ler a palavra “EANES”, a qual pode remontar à década de 70/80 do século XX, aquando da atividade política de António Ramalho Eanes, presidente da República entre 1976–1986. Infelizmente, parte das letras adjacentes já não tem leitura (“Votem Eanes?”).

Na zona da cantaria que compõe o cunhal o levantamento da tinta deixou a descoberto a superfície da pedra calcária, à qual foi atribuída a UEM [103], junto da qual se observou a presença de um reboco em cimento, com cerca de 5 a 10cm de espessura, UEM [104], o qual se estendia para o remanescente da fachada. Este cimento constituía o reboco mais recente aplicado sobre a estrutura.

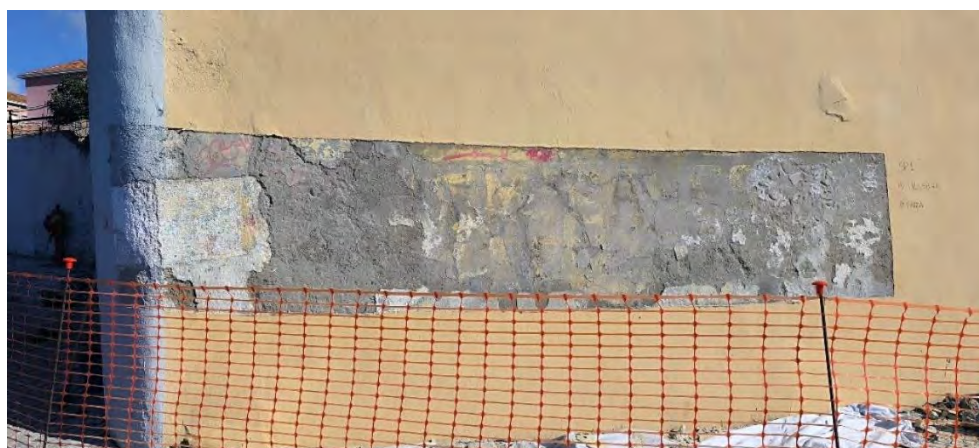


Figura 437 – SP1 após levantamento das camadas de tinta superficiais.





Figura 438 – Pormenor do grafito com a evocação a Eanes.

Seguidamente, a camada de cimento [104] foi removida integralmente deixando a descoberto as realidades anteriores, neste caso associadas a três novas unidades: UEM [105] – camada de tinta branca; UEM [106] – camada de argamassa cimentícia de tom esbranquiçado, contendo fragmento de telha para colmatar espaços, a qual se estendia abaixo da [105]; UEM [107] – camada de argamassa de matriz arenosa, de tom laranja, a qual servia tanto de revestimento como de ligante a um aparelho composto por pedra tosca de pequena e média dimensão, colmatado por placas de tijoleira dispostas horizontalmente.



Figura 439 – SP1. Identificação das UEM [105], [106] e [107].

Com o levantamento destas unidades foi alcançado o aparelho construtivo da fachada, o qual apresentava algumas secções contendo uma espécie de remendo ou restauro que se diferenciava do próprio aparelho. Desta forma, encontramos duas secções compostas por um preenchimento de tijoleira, UEM [107], com ligante em argamassa de tom esbranquiçado, a mesma que constitui a UEM [106].

O aparelho construtivo da fachada, UEM [109], era constituído por pedra tosca calcária e basáltica de pequena e média dimensão, a qual aflora localmente, disposta de forma irregular, contando com o mesmo ligante em argamassa de tom esbranquiçado [106].

Alcançado o plano final da sondagem parietal 1, não foram identificados elementos arquitetónicos ocultos pelas camadas de revestimento, sendo o aparelho construtivo colocado a descoberto compatível com os métodos construtivos aplicados à época da fundação do palácio.



Figura 440 – Plano final da SP1 onde se observa o aparelho construtivo da fachada.

### 7.2.8.1.2 Sondagem parietal 2

A segunda sondagem parietal (SP2), a de menores dimensões (3x1m), foi disposta no alçado poente, elevada igualmente a cerca de 80cm da calçada, no alinhamento da janela aqui existente, estendendo-se até à cantaria do mesmo cunhal.

A superfície encontrou-se revestida pelas mesmas duas camadas de tinta, a de tom branco com cerca de 1mm de espessura que cobria a cantaria do cunhal, aqui atribuída UEM [200], e outra de tom amarelado/creme, com cerca de 2mm de espessura, que cobria toda a restante superfície da fachada nesta vertente, UEM [201].



Figura 441 – Plano inicial da S2 com as camadas de tinta superficiais.

A remoção destas camadas superficiais revelou uma realidade similar à identificada na sondagem anterior, como, aliás, se fazia antever no que respeita a correspondências. Assim, ficou a descoberto a pedra calcária que constitui o cunhal, UEM [202], juntamente com a camada de

reboco em cimento que revestia a restante superfície, UEM [203], embora neste caso apenas tenha revelado 1cm de espessura.

Abaixo desta camada dispunha-se uma argamassa cimentícia de tom cinza claro, UEM [204], apresentando uma espessura de cerca de 4cm.



Figura 442 – Unidades [202] e [203] identificadas na SP2.



Figura 443 – Unidade [204] composta por argamassa cimentícia.

Conforme a camada [204] ia sendo removida, tornava-se visível uma mancha de tinta de tom azul escuro, UEM [205], assim como outra de tinta branca, UEM [206], reminiscências de algum elemento que não foi possível apurar a sua constituição. No geral da superfície agora a descoberto encontrou-se uma nova camada de argamassa cimentícia [207], esta de tom esbranquiçado, a qual cobria o remanescente dos limites da sondagem.



Figura 444 – Unidades estratigráficas murárias [205], [206] e [207].

Por último, com o levantamento da argamassa [207] tornou-se visível o aparelho construtivo da fachada, UEM [208], com correspondência ao observado na SP1, embora neste caso sem a presença de remendos preenchidos com placas de tijoleira. Também neste caso não se constatou a presença de elementos arquitetónicos que se pudessem encontrar ocultos pelas camadas de revestimento superficiais.



Figura 445 – Fotogrametria do plano final da SP2 com o aparelho construtivo, [208], a descoberto

## 7.3 Conclusões

Neste capítulo apresentamos as principais conclusões resultadas das escavações arqueológicas de sub-solo e parietais (Palácio Fiúza). Os resultados da escavação realizada no Baluarte do Livramento são apresentados na Parte 2 dos Estudos Histórico-arqueológicos (LVSSA MSA PE AMB 000 000 MD 040005 0), no respetivo capítulo.

Em anexo (LVSSA MSA PE AMB 000 000 MD 040006 0) são apresentados os desenhos (anexo 7), o Espólio (anexo 8), as fotografias de UE (anexo 9) e as fotogrametrias (anexo 10).

### 7.3.1 Estação de Campolide Amoreiras

Na **sondagem 1** do diagnóstico realizado na zona das Amoreiras (que atingiu 2,23m de profundidade), foi identificada uma estrutura em pedra e cimento que se estende para fora dos limites da intervenção, a qual se associou à rede de distribuição ou mesmo de escoamento de águas que, embora de cronologia contemporânea, já não se encontra em utilização. Apesar da recente cronologia, a sua ligação às realidades oitocentistas que caracterizavam a Amoreiras oitocentista, antes da grande reforma urbana do século XX, constitui um importante marco histórico na génese deste bairro. Por este motivo, a equipa de arqueologia sugere que em fase de obra seja realizada uma escavação em área de forma a colocar a descoberto a estrutura [102]/[103] até aos limites a afetar pela execução do projeto, de forma a registar e melhor caracterizar este testemunho, antes dos trabalhos avançarem em profundidade, os quais deverão prosseguir com acompanhamento arqueológico para observação e registo dos níveis inferiores.

A **sondagem 2** atingiu 2,10m de profundidade e apenas foram observados níveis de aterro, sem que tenham sido identificadas pré-existências de valor arqueológico.

A **sondagem 3** atingiu 2,45m de profundidade e apenas foram observados níveis de aterro, sem que tenham sido identificadas pré-existências de valor arqueológico.

A **sondagem 4** revelou, essencialmente, fortes condicionalismos relacionados com as estruturas e infraestruturas urbanas existentes no local, as quais impediram a progressão dos trabalhos arqueológicos no local (atingiu apenas 0,32cm de profundidade). Por este motivo sugere a equipa de arqueologia que aquando em fase de obra, e após o desvio do trânsito e das infraestruturas, os trabalhos de escavação sejam realizados com acompanhamento por parte de arqueólogo, devendo, caso sejam identificados contextos de valor arqueológico, a metodologia ser alterada para escavação arqueológica manual com apoio mecânico.

Na **sondagem 5** os trabalhos de diagnóstico identificaram uma estrutura fundacional de um edifício, a unidade [509], da qual se manteve a sua integridade. Associa-se a mesma ao edificado das Amoreiras existente no século XIX e inícios do XX. A sondagem 5 atingiu 2,70m de profundidade.

Considerando a afetação prevista desta estrutura, em fase de execução de obra a mesma deverá ser colocada a descoberto até aos limites de afetação, de forma a garantir o seu registo mais amplo antes do previsto desmonte.

Nas restantes sondagens apenas foram observados níveis de aterro, sem que tenham sido identificadas pré-existências, pelo que se sugere o acompanhamento arqueológicos dos trabalhos de escavação em fase de obra.

A **sondagem 6** atingiu 2,10m de profundidade e apenas foram observados níveis de aterro, sem que tenham sido identificadas pré-existências de valor arqueológico.

## 7.3.2 Estação de Campo de Ourique

Adiantamos que à presente data de fecho do relatório (3 de outubro de 2024), a intervenção arqueológica em Campo de Ourique ainda se encontra em curso, tendo apenas sido dadas como terminadas as sondagens 3 e 4, encontrando-se em planos intermédios as sondagens 1 e 5 e somente principiada a sondagem 2, disposta na área ajardinada do Jardim da Parada.

Até ao momento não foram identificados contextos ou pré-existências de valor arqueológico e/ou patrimonial, apenas níveis de aterro, pelo que em fase de execução de obra os trabalhos de escavação deverão considerar o acompanhamento arqueológico.

## 7.3.3 Estação de Infante Santo

Nas sondagens de diagnóstico realizadas na zona da Av. Infante Santo não foram identificadas pré-existências, ou mesmo contextos arqueológicos primários, recordando que as três sondagens implantadas na encosta que se desenvolve no tardoz dos edifícios se encontrou com o substrato rochoso a pouca profundidade.

Em síntese foram atingidas as seguintes profundidades:

- Sondagem 1: 4m
- Sondagem 2: 1,30m
- Sondagem 3: 1,60m
- Sondagem 4: 1,30m
- Sondagem 5: 1,45m

No entanto, na **sondagem 1** foram registados depósitos sedimentares de origem aluvial contendo elementos arqueológicos de cronologia recuada, aqui depositados pela ação de arrastamento e não como deposição primária. Ainda assim, a sua importância carece de especial atenção, pelo que a equipa de arqueologia recomenda que os trabalhos de escavação em fase de obra sejam acompanhados pela presença de arqueólogo, com especial cuidado na zona de influência da sondagem 1 e, particularmente, a partir de 1m de profundidade, limite a partir do qual se identificaram os depósitos de aluvião. Caso seja identificada a presença de mais elementos de valor arqueológico dentro deste limite, ainda que dispostos em posição secundária, deverá equacionar-se uma alteração na metodologia para escavação arqueológica manual com apoio mecânico, a fim de garantir a sua recolha integral.

Para os limites das restantes sondagens recomenda-se que os trabalhos de escavação em fase de obra sejam acompanhados por arqueólogo até à cota de afetação da obra ou até alcançar os níveis arqueologicamente estéreis, que no caso da abertura do poço de ataque para Estação de Infante Santo se estimam dispor a curta profundidade, considerando a presença do substrato rochoso muito próximo da superfície.

## 7.3.4 Estação de Alcântara

Apesar de inicialmente se ter previsto a realização de 2 sondagens de diagnóstico no local, de 5x5m cada, localizadas na área de construção de parte dos pilares projetados para o viaduto e Estação, devido a condicionalismos relacionados com o desvio de infraestruturas, corte de vias rodoviárias e mesmo abate de árvores de grande porte, não foi possível implementar sondagens

de diagnóstico em todos os locais previstos para afetação na construção dos pilares, ou mesmo alcançar uma incidência exata.

Por este motivo, foi comunicado junto da Tutela que para a intervenção arqueológica no lugar de Alcântara, as condições apenas serão criadas aquando da fase de execução, ficando acordado que a escavação a realizar para efeitos de construção dos pilares irá obedecer ao modelo de escavação arqueológica com apoio mecânico, como medida de salvaguarda.

### 7.3.5 Poço de Ventilação 211

A sondagem realizada no local do futuro PV211, na zona das Amoreiras, revelou a presença de uma estrutura murária de pouca expressão e sem espólio associado, a qual se associou, tal como no diagnóstico realizado para a área da futura Estação, aos contextos do local existentes até finais do século XIX e inícios do XX. A sondagem no PV211 atingiu 1,40m de profundidade.

Ainda que o substrato natural se tenha encontrado a pouca profundidade, e os níveis de aterro se tenham caracterizado como contemporâneos, importa em fase de obra proceder a um alargamento em extensão de forma a colocar a descoberto o remanescente da estrutura [704] para efeitos de registo e caracterização, devendo os restantes trabalhos de escavação no local serem acompanhados pela presença de arqueólogo.

### 7.3.6 Poço de Ventilação 215

Tendo o substrato natural na zona do PV215 sido identificada a muito pouca profundidade, a somente 1m, sem que tenham sido identificados contextos arqueológicos ou pré-existências, recomenda-se que os trabalhos de escavação previstos para a fase de obra possam contar com acompanhamento arqueológico como medida de salvaguarda.

### 7.3.7 Poço de Ventilação 217

Na zona delimitada para a construção do PV217, já dentro dos limites da área florestada de Monsanto, uma zona associada, por excelência, a contextos pré e proto-históricos, não foram identificados elementos de valor arqueológico ou mesmo pré-existências de valor patrimonial, tendo apenas sido observadas, entre as duas sondagens, realidades contemporâneas associadas a aterros recentes e às grandes operações de demolição dos edifícios do bairro do Alvito e abertura dos acessos à Ponte 25 de Abril, nos anos 60 do século XX. Apesar de se terem recolhido alguns elementos pétreos em sílex, após o tratamento do espólio verificou-se que os mesmos não revelam claros indícios de ações antrópicas. A sondagem 1 atingiu 2,10m de profundidade e a sondagem 2 2,40m.

Considerando a sensibilidade arqueológica desta zona, recomenda-se o acompanhamento arqueológico dos trabalhos de escavação para o PV217, sendo que a metodologia deverá ser alterada para escavação arqueológica manual caso sejam detetados indícios de contextos preservados ou espólio arqueológico subsistente.

---

## 7.3.8 Palácio Fiúza

Para o antigo Palácio Fiúza foi proposta 1 sondagem no subsolo, junto da fachada exterior, assim como 2 sondagens parietais nas fachadas exteriores do mesmo bloco sul do edifício.

A sondagem no subsolo revelou uma presença dominante de infraestruturas, as quais impossibilitaram o progresso dos trabalhos arqueológicos para além de 1,40m de profundidade. Por este motivo, recomenda-se que em fase de obra, e após desviado o trânsito e demais infraestruturas, os trabalhos de escavação arqueológica prossigam, de forma a garantir a conclusão do principal objetivo estipulado: a observação e registo da fundação deste bloco do edifício.

Para a realização de eventuais trabalhos de demolição na estrutura do edifício, recomenda-se que as primeiras operações a considerar sejam a picagem dos paramentos e fachadas marcadas para afetação, tanto exterior como interior, as quais deverão ser acompanhadas por arqueólogo, de forma a garantir o registo integral dos elementos a afetar, assim como assegurar a identificação de potenciais elementos arquitetónicos associados ao palácio que possam residir ocultos pelos atuais revestimentos.



## 8 DOCUMENTAÇÃO E BIBLIOGRAFIA

### 8.1 Documentação

APA [Agência Portuguesa do Ambiente]

– Processo AIA 3462. Em linha, consultado a 2/6/2024. Disponível em:  
<https://siaia.apambiente.pt/AIA1.aspx?ID=3462>

EIA

– Estudo de Impacte Ambiental do Prolongamento da Linha Vermelha entre São Sebastião e Alcântara do Metropolitano de Lisboa Estudo Prévio **Aditamento, 4 de abril de 2022**

**Estudo Prévio**

Metro de Lisboa – Linha Vermelha Entre São Sebastião e Alcântara, Empreitada de Conceção e Construção do Prolongamento da Linha, Tomo I – Apresentação do Projeto – Estudo Prévio. Volume 1 – Apresentação do Projeto, Memória Descritiva e Justificativa. Documento Elaborado por Rui Rodrigues e Afonso Guerreiro, Atualizado Em 2023-06-23.

### 8.2 Fontes Arquivísticas

**AHM [Arquivo Histórico Militar]**

*Memória histórico-descritiva das linhas que cobriram Lisboa em 1833*, Cota: Misc. 2941-XVIII. Código de referência: PT/AHM/FE/BB/BIBLIOTECA/00593. Registo disponível em: <https://ahm-exercito.defesa.gov.pt/details?id=278908>

**ANTT [Arquivo Nacional da Torre do Tombo]:**

\_\_\_\_\_ Planta dos aquedutos e das diferentes canalizações que distribuem a água aos diversos pontos na Real Quinta e Palácio das Necessidades. Casa Real, Plantas, Almoarifado das Necessidades e Quinta do Calvário, n.º 219. 1800 ? a 1900) Código de referência: PT/TT/CR/007-008/00219

\_\_\_\_\_ Planta das minas e encanamentos de água da Real Quinta e Palácio das Necessidades. 1901 a ? Código de referência: Casa Real, Plantas, Almoarifado das Necessidades e Quinta do Calvário, n.º 220. PT/TT/CR/007-008/00220.

\_\_\_\_\_ Planta geral dos canos de despejo do Real Paço das Necessidades. Código de referência. 1862. Casa Real, Plantas, Almoarifado das Necessidades e Quinta do Calvário, n.º 241. Código de referência: PT/TT/CR/007-008/00241. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=6086104>

\_\_\_\_\_ Planta do 1º pavimento do Convento das Necessidades e andar nobre do Palácio. [1700-1850]. Casa Real, Plantas, Almoarifado das Necessidades e Quinta do Calvário, n.º 255PT/TT/CR/007-008/00255. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4162313>

\_\_\_\_\_ Planta do 2º pavimento do Convento das Necessidades e mezaninos do Palácio. [1700-1850]. Casa Real, Plantas, Almoarifado das Necessidades e Quinta do Calvário, n.º 256. Código de referência: PT/TT/CR/007-008/00256. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4162314>

Planta do 3º pavimento do Convento das Necessidades e mezaninos do Palácio. [1700-1850]. Casa Real, Plantas, Almojarifado das Necessidades e Quinta do Calvário, n.º 257. Código de referência: PT/TT/CR/007-008/00257. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4162315>

Planta do 4º pavimento do Convento das Necessidades e mezaninos do Palácio. [1700-1850]. Casa Real, Plantas, Almojarifado das Necessidades e Quinta do Calvário, n.º 258. Código de referência: PT/TT/CR/007-008/00258. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4162316>

- ABREU, José António de - Projecto de ampliação da livraria do Convento das Necessidades. 1848? Casa Real, Plantas, Almojarifado das Necessidades e Quinta do Calvário, n.º 259. Código de referência: PT/TT/CR/007-008/00259. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4711044>

- ABREU, José António de - Planta do Almojarifado do Paço, 1848. Código de referência, PT/TT/CR/007-008/00213.2, disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4162309>.

Planta da Real Quinta do Calvário levantada e desenhada em 1844 com as alterações em 1847. Casa Real, Plantas, Almojarifado das Necessidades e Quinta do Calvário, n.º 269. Código de referência: PT/TT/CR/007-008/00269. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4162318>

- Carta iconográfica do Real Palácio das Necessidades e das suas pertenças, 1844, Casa Real, Plantas, Almojarifado das Necessidades e Quinta do Calvário, n.º 215. Código de referência PT/TT/CR/007-008/00215. Disponível em: <http://digitarq.arquivos.pt/details?id=4162311>

#### **CARVALHO 1756? a 1768?**

- CARVALHO, José Monteiro de - Planta da nova freguesia do Snr. Jezus da Boa Morte. Códices e documentos de proveniência desconhecida, n.º 153, Livro das plantas das freguesias de Lisboa, f. 7 (imagem 0028). Código de referência: PT/TT/CF/153. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=3909706>

#### **ABREU 1844a**

ABREU, José António de - Planta da Real Quinta do Calvário. 1844. Casa Real, Plantas, Almojarifado das Necessidades e Quinta do Calvário, n.º 268 (1), Código de referência: PT/TT/CR/007-008/00268.1. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4162317>

#### **ABREU 1844b**

ABREU, José António de - Planta da Real Quinta do Calvário. 1844. Casa Real, Plantas, Almojarifado das Necessidades e Quinta do Calvário, n.º 268 (2), Código de referência: PT/TT/CR/007-008/00268.2. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4715472>

#### **ABREU 1848a**

ABREU, José António - Planta do Almojarifado do Paço. 1848. Casa Real, Plantas, Almojarifado das Necessidades e Quinta do Calvário, n.º 213 (1). Código de referência: PT/TT/CR/007-008/00213.1 Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4715470>

#### **ABREU 1848b**

ABREU, José António - Planta do Almojarifado do Paço, 1848. Código de referência: PT/TT/CR/007-008/00213.2 Casa Real, Plantas, Almojarifado das Necessidades e Quinta do Calvário, n.º 213. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4162309>

#### **FONTE 1844**

FONTE, João Pires da (1844). "Planta topográfica do sítio de Nossa Senhora das Necessidades, ano de 1745". Trata-se de uma cópia, feita em 1844 pelo arquitecto João Pires da Fonte, da planta executada no ano de 1745 por Manuel da Maia. Arquivo Nacional Torre do Tombo. Cópia da planta original existente no Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa, Livro 6.º dos assentos, f. 83.

#### FONTE 1844

- João Pires da Fonte - *Planta topográfica do sítio de Nossa Senhora das Necessidades, 1745.* Casa Real, Plantas, Almoxarifado das Necessidades e Quinta do Calvário, n.º 211. Código de referência: PT/TT/CR/007-008/00211. Disponível em:  
<https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4162308>

AML [Arquivo Municipal de Lisboa]:

#### FOLQUE 1856-58

FOLQUE, Filipe - *Carta Topográfica de Lisboa e seus arredores, 1856/1858.* 1:1000. 65 plantas; 92 X 62,5cm, Planta 47 (Janeiro 1857). Código de referência: PT/AMLSB/CMLSBAH/PURB/003/00028. Planta 47. Disponível em:  
<https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=28431&type=PCD&add=30>

#### PINTO 1904-1911

PINTO, Júlio António Vieira da Silva; - [Levantamento da planta de Lisboa, 1904/1911]. 1: 1000. 249 plantas; 80 X 50cm, Planta 7E (Maio 1910).

#### PLANTA DE 1780

*Planta compreendendo a extensão do Mar da Ponte de Alcântara até ao convento das Comendadeiras de Santos e da praça do Comércio até ao colégio dos Religiosos Agostinhos Descalços, na rua S. Sebastião da Pedreira.* Incluído na [compilação] [Plantas topográficas de Lisboa pelo engenheiro Augusto Vieira da Silva](#), Planta n.º 4: planta topográfica da cidade de Lisboa. 1780. PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/11/456/10. Disponível em:  
<https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/>

BND [Biblioteca Nacional Digital]:

ABREU, José António de - *Planta da real tapada d'Ajuda / J. A. de Abreu, lev., red. e lith.. - Escala 1:5000. - Lisboa : Off. Lith. da Rua Nova dos Martyres, 1849. - 1 planta : litografia, p&b ; 24,30x43,80 cm, em folha de 28,90x44, 80 cm.* BND, C.C. 94 V. Disponível em:  
<https://purl.pt/1668>

#### FAVA 1808-1832

FAVA, Duarte José - *Carta Topográfica da Cidade de Lisboa Compreendida entre Barreiras: desde a Ribeira de Alcântara até ao Convento de Santa Apolónia.* - [entre ca 1808 - ca 1832]. Digitalizado a partir de: d-153-r. Disponível em: <http://purl.pt/24997>

#### LANGRES 1661

LANGRES, Nicolau de - *Desenhos e plantas de todas as praças do Reyno de Portugal Pello Tenente General Nicolao de Langres Francez que serviu na guerra da Acclamação.* - [Ca 1661]. Disponível em: <https://purl.pt/15387>

#### BARCO 1700

BARCO, Gabriel del (Ca 1700). *A grande vista de Lisboa. Pannel de azulejos do Palácio dos Condes de Tentúgal. Pormenor da vista sobre Alcântara.* Museu do Azulejo, Lisboa. Disponível em:  
<https://historiaschistoria.blogspot.com/2016/08/a-ponte-de-alcantara.html>  
<https://artsandculture.google.com/asset/grande-panorama-de-lisboa-alc%C3%A2ntara-e-santos/PAHVoeaiWsb1Qw?hl=pt-PT>

#### BELLIN 1756

BELLIN, Jacques Nicolas (1756). *Plan du Port de Lisbonne et des Coctes Voisines.* Editeur: [Jacques Nicolas Bellin] par ordre de M. de Machault Garde des Sceaux de France Ministre et secret d'Etat ayant le Departament. De la Marine, Date de publication: 1756. In <https://www.alamyimages.fr/>

#### LANGRES 1661

LANGRES, Nicolau de [Ca 1661]. Desenhos e plantas de todas as praças do Reyno de Portugal Pello Tenente General Nicolao de Langres Francez que serviu na guerra da Acclamação. Folha 28, Projeto [...] manuscrit de la fortification de Lisbonne [...]. Biblioteca Nacional Digital. Cota do exemplar digitalizado: COD-7445

#### MILCENT 1785

Milcent, Fran[cisco] D. – Plano geral da cidade de Lisboa em 1785 / Fran[cisco]. Cota do exemplar digitalizado: CC-599-V. Disponível em: <https://purl.pt/30666>

#### ML [MUSEU DE LISBOA]

– Planta do sítio de Alcântara, c.1619/1625, MC.DES.1779.Colecção do Museu de, Lisboa | CML | EGEAC. Disponível em:  
<https://patrimoniocultural.cmlisboa.pt/lxconventos/ficha.aspx?t=mca&id=16>

#### MAIA et. al 1756

MAIA, Manuel da; OLIVEIRA, Filipe Rodrigues de – *Planta / Que comprehende os Terrenos das partes contiguas de Lisboa desde o Largo do Convento do Rato, (...)* de 06/04/1756. Museu de Lisboa, MC.DES.0982. Disponível em:  
<https://acervo.museudelisboa.pt/ficha.aspx?id=3743&ns=216000&Lang=po&museu=2&c=inicio&IPR=3227>

#### MARDEL et al. 1757

MARDEL, Carlos; SANTOS, Eugénio dos; POPPE, Elias Sebastião; ANDREIS, António Carlos (1757). Planta topographica da porção de terreno que jaz entre os Extremos de Lisboa... 1757, Ms. Museu de Lisboa. MC.DES.981. Disponível em:

<https://acervo.museudelisboa.pt/ficha.aspx?id=3690&ns=216000&Lang=PO&museu=2&c=inicio&IPR=6253>

#### MILIENT 1785

MILIENT, Franc D. (1785). Plano geral da cidade de Lisboa em 1785. Biblioteca Digital Luso-Brasileira, <https://bdlb.bn.gov.br/>

#### PIMENTEL et. al 1700

PIMENTEL, Francisco; SILVA, Manuel Mexia da; FORTES, Manuel de Azevedo; AZEVEDO, António Velho de; COUTO, Manuel do; LOBOS, Manuel Pinto de Vila (1700). "Plantas da cidade de Lisboa no tocante à sua fortificação e emendas nela propostas e assentadas pelos engenheiros Francisco Pimentel, Manuel Mexia da Silva, Manuel de Azevedo Fortes, António Velho de Azevedo, Manuel do Couto e Manuel Pinto de Vila Lobos que por ordem de Sua Majestade que Deus guarda se fez no ano de 1700". Lisboa: Arquivo Nacional Torre do Tombo. Casa de Cadaval, n.º 27, Código de referência PT/TT/CCDV/27. In:  
<https://digitarq.arquivos.pt/details?id=3908669>

#### ROSA 1884

ROSA, Henrique dos Santos, Major de Engenharia (1884). Processo N.º S/N.º. Prédio Militar N.º 196 – Lisboa. Forte de Nossa Senhora do Livramento. Lisboa: Direcção do Serviço de Fortificações e Obras Militares. 4.ª Repartição – Património (manuscrito original no AHM – Arquivo Histórico Militar).

#### S. N. 1727

S. N. (1727). Planta Topográfica da Marinha das Cidades de Lisboa Ocidental e Oriental desde o Forte de S. Joseph de Riba-Mar até o Convento do Grilo feito no ano de 1727. Museu da Cidade. Cota: MC. DES. 1403.

#### STOOP 1662

STOOP, Dirk (1662). The Entrance of the Lord Ambassador Mountague into the City of Lisbon. In The British Museum, <https://www.britishmuseum.org/collection/>. [Entrada em Lisboa pela

Ponte de Alcântara, pela ocasião do casamento de D. Catarina de Bragança com Carlos II de Inglaterra].

### 8.3 Bibliografia

#### ALBUQUERQUE 2014

ALBUQUERQUE, Leonor Cheis de Sousa (2014). *Estudo da Paisagem do Vale de Alcântara*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura Paisagista. Universidade de Évora.

#### ARAÚJO 1945

Araújo, Norberto de; Lima, Durval Pires de – Inventário de Lisboa, Fasc. 2, Lisboa: Câmara Municipal, 1945

#### ARAÚJO 1992

ARAÚJO, Norberto de, *Peregrinações de Lisboa*, XII vols., Veja, Lisboa, 1992.

#### ATAÍDE 1988

ATAÍDE, M. Maia, *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*, Lisboa, 1988.

#### AZEVEDO 2014

AZEVEDO, José Pedro A. A. Lobo. *A Memória na Cidade e os Baluartes de Alcântara. Reabilitação e Restauro nos Espaços da Cidade. Valores e Contributos da Lisboa do Passado para uma concepção da Lisboa do Presente e Futuro*. Tese de Mestrado. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Arquitectura, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.5/8938>

#### BARGÃO, CONCEIÇÃO e FERREIRA, 2018

BARGÃO, André; CONCEIÇÃO, Elisabete; FERREIRA, Inês – Relatório Final (Acompanhamento Arqueológico) Calçada do Livramento 19 a 19 A, Clay Arqueologia, Lisboa, 2018

#### BARGÃO, FERREIRA, CONCEIÇÃO e PENISGA, 2023

BARGÃO, André; FERREIRA, Inês; CONCEIÇÃO, Elisabete; PENISGA, Ana – «*Que se faça mais fortificações [...] e reductos até Alcantara*» *Resultados da intervenção arqueológica no Baluarte do Livramento*, Lisboa, Clay Arqueologia. Apresentação no IV Encontro de Arqueologia de Lisboa organizado Centro de Arqueologia de Lisboa, 29 e 30 de junho de 2023

#### BRITO 1935

BRITO, José Joaquim Gomes de, *Ruas de Lisboa. Notas para a História das Vias Públicas Lisbonenses*, vol. II, Sá da Costa, Lisboa, 1935.

#### CASTILHO 1942

CASTILHO, Júlio de, *A Ribeira de Lisboa. Descrição histórica da margem do Tejo desde a Madre de Deus até Santos –o –Velho*, 2.<sup>a</sup> edição (revista e ampliada pelo autor e com anotações de Luiz Pastor de Macedo), Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 1942, volume 3.

#### CASTRO 1763

CASTRO, João Baptista de – *Mappa de Portugal antigo e moderno*. Lisboa: Off de Francisco Luiz Ameno, 1762-1763. Tomo III. Disponível em: <https://purl.pt/22133/4/>

#### CONCEIÇÃO 2015

CONCEIÇÃO, M. T. – *A Fortificação Moderna e a Linha da Circunvalação (Notas sobre os Limites Urbanos de Lisboa)*. In Rossio, (5), 2015, pp. 178-199. Disponível em: [https://www.academia.edu/15446372/A\\_fortifica%C3%A7%C3%A3o\\_moderna\\_e\\_a\\_linha\\_da\\_circunvala%C3%A7%C3%A3o\\_notas\\_sobre\\_os\\_limites\\_urbanos\\_de\\_Lisboa](https://www.academia.edu/15446372/A_fortifica%C3%A7%C3%A3o_moderna_e_a_linha_da_circunvala%C3%A7%C3%A3o_notas_sobre_os_limites_urbanos_de_Lisboa)

---

#### **COSTA 1957**

COSTA, Mário – *O Sítio de Santo Amaro*, in *Olisipo*, N.º 78, Grupo Amigos de Lisboa, Lisboa, 1957, pp. 59-89

#### **CRUZ 2016**

CRUZ, João Pedro Pereira – *A Cidade e o Rio: Origem e Evolução da Frente Ribeirinha de Lisboa*. Dissertação para conclusão do Mestrado Integrado em Arquitectura. Escola das Artes, Departamento de Arquitectura, Universidade de Évora, 2016

#### **DIAS 1990**

DIAS, M. T. – *Lisboa desaparecida*. Vols. II e III. Lisboa: Quimera, 1990.

#### **DIOGO 2000**

DIAS DIOGO, A. M. (2000), Relatório final dos trabalhos arqueológicos na Casa de Goa, Lisboa, 2000. [Texto Policopiado]

#### **DINIZ 2014**

DINIZ, Susana Pais de Almeida Maia e Silva Correia – *O bairro de Campo de Ourique: projectos e actuações (1878-1958)*, Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em História da Arte Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/13691>

#### **FARIA 1947-48**

FARIA, António Machado de, “Memórias Históricas de Lisboa – 1680 a 1716”, in *Lisboa e seu termo*. Estudos e documentos, Lisboa: “Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1947-1948, volume 2.

#### **FRANÇA 1978**

FRANÇA, José-Augusto – *A Reconstrução de Lisboa e a Arquitectura Pombalina*, Lisboa, 1978.

#### **FREIRE 1929**

FREIRE, João Paulo – *Alcântara, apontamentos para uma monografia*, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1929, pp. 47-62.

#### **FREITAS 1946**

FREITAS, Jordão – *Paço Real de Alcântara, Sua localização – Elementos para a sua história desde o domínio filipino*, in *Olisipo*, N.º 36, outubro, Grupo Amigos de Lisboa, Lisboa, 1946, pp. 177-200.

#### **GALVÃO-TELLES 2014**

GALVÃO-TELLES, João Bernardo, *O palácio do Fiúza: memória de uma residência nobre em Alcântara, no termo de Lisboa*, Lisboa: LMT Consultores, 2014. Disponível em: [https://www.academia.edu/30095454/O\\_pal%C3%A1cio\\_do\\_Fi%C3%BAza\\_mem%C3%B3ria\\_de\\_uma\\_resid%C3%A2ncia\\_nobre\\_em\\_Alc%C3%A2ntara\\_no\\_termo\\_de\\_Lisboa](https://www.academia.edu/30095454/O_pal%C3%A1cio_do_Fi%C3%BAza_mem%C3%B3ria_de_uma_resid%C3%A2ncia_nobre_em_Alc%C3%A2ntara_no_termo_de_Lisboa)

#### **GODINHO, PINTO e PIRES 2020**

GODINHO, Rui; PINTO, Cláudia; PIRES, Eva – *Travessa da Trabuqueta, 17 | Rua do Arco a Alcântara*. Relatório de Preliminar (Sondagens de Diagnóstico Arqueológico). Clay Arqueologia, Lisboa 2020 [texto policopiado]

#### **GUIMARÃES 2022**

GUIMARÃES, Raquel – *Acompanhamento Arqueológico no âmbito da Requalificação de edifício na Rua Prior do Crato, N.º 135-137, Alcântara, Lisboa* Relatório Final. Empatia, Lisboa, setembro 2022 [texto policopiado]

#### **HARRIS 1991**

HARRIS, Edward C. – *Princípios de Estratigrafia Arqueológica*, Editorial Crítica, Barcelona, 1991.

#### **IHRU/SIPA 2015**

IHRU/SIPA (2015) – *Guia de Inventário. Fortificações Medievais e Modernas*. Versão 1.1, documento provisório, dezembro 2014. Lisboa: IHRU / SIPA.

#### LEITÃO et.al. 2018

LEITÃO, Eva Maria Folgado; VASQUES, Carlos Vítor Didelet Durão; CARDOSO, Guilherme de Jesus Pereira – *As Grutas do Vale de Alcântara*. In *Almadam On line*, n.º 22, tomo 2. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, 2018

#### MACEDO 1942

MACEDO, Luís Pastor, *Lisboa de Lés-a-Lés. Subsídios para a história das vias públicas da cidade*, 5 vols., Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa, 1942.

#### MARQUES 2009

MARQUES, Beatriz Rosa de Abreu Pereira. *O vale de Alcântara como caso de estudo. Evolução da morfologia urbana*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura. Instituto Superior Técnico, 2009

#### MOITA 1994

MOITA, Irisalva (coord.), *O Livro de Lisboa*, Livros Horizonte, Lisboa, 1994.

Murteira, Helena – *Lisboa da Restauração às Luzes*. Editorial Presença, Lisboa 1999

#### MONTEIRO 2022

MONTEIRO, Mário – *O Baluarte do Livramento e a Cintura Defensiva de Lisboa. Compilação Histórica. Processo de AIA. Resposta a ofício relativo a documentação recebida em sede de PIP. Prolongamento da Linha Vermelha entre São Sebastião e Alcântara. Troço entre o Palácio das Necessidades (Túnel) e o Baluarte do Livramento e viaduto e Estação de Alcântara*. Lisboa, julho de 2022

#### NUNES 2005

NUNES, António Lopes Pires – *Dicionário de Arquitetura Militar*. Casal de Cambra: Caleidoscópico – Edição e Artes Gráficas, SA, 2005

#### OLIVEIRA 1554

OLIVEIRA, Cristóvão Rodrigues de – *Sumario e[m] que breuemente se contem algumas cousas assi ecclesiasticas como seculares que ha na cidade de Lisboa*, Casa de Germão Galharde, 1554.

#### OLIVEIRA 1620

OLIVEIRA, Nicolau de – *Livro das grandezas de Lisboa. Composto pelo Padre Frey Nicolao d'Oliveyra Religioso da Orde[m] da Sãctissima Trindade, & natural da mesma Cidade. Dirigido a D. Pedro d'Álcaçova Alcajde-mór das tres Villas*, Impresso em Lisboa : por Jorge Rodriguez, 1620, Cap. IV, p.117 (BN RES. 531//1 P). Disponível em: Biblioteca Digital Hispânica em: <https://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000076594&page=1> e Google Books em: <https://books.google.pt/books?id=at4rtCgU1POC&printsec=frontcover&hl=pt-pt#v=onepage&q&f=false>

#### OLIVEIRA 1888

OLIVEIRA, Eduardo Freire de – *Elementos para a História do Município de Lisboa*. Lisboa: Tipografia Universal, Tomo III, 1887. Pág 191–194. Disponível em:

[https://books.google.pt/books?id=j44DAAAAYAAJ&pg=PP7&source=gbs\\_selected\\_pages&cad=1#v=onepage&q&f=false](https://books.google.pt/books?id=j44DAAAAYAAJ&pg=PP7&source=gbs_selected_pages&cad=1#v=onepage&q&f=false)

#### OLIVEIRA 1889

OLIVEIRA, Eduardo Freire de (1882–1911). *Elementos para a História do Município de Lisboa*. Lisboa: Tipografia Universal, Tomo IV, 1889.

#### OLIVEIRA 1889

OLIVEIRA, Eduardo Freire de – Elementos para a História do Município de Lisboa. Lisboa: Tipografia Universal, Volume V, pp.200–203, 1887. Disponível em: [https://books.google.pt/books?id=0o4DAAAAYAAJ&printsec=frontcover&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.pt/books?id=0o4DAAAAYAAJ&printsec=frontcover&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false)

#### **OLIVEIRA 2012**

OLIVEIRA, João André C. P. da Luz – *Cartografia de Lisboa no Gabinete de Estudos Olissiponenses*. Relatório de Estágio/Monografia apresentado para a obtenção do Grau de Licenciado em História, no Curso de Licenciatura em História, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2012.

#### **PINTO, SILVA e BARBOSA 2024**

PINTO, Cláudia; SILVA, Tiago; BARBOSA, Rúben – Rua Prior do Crato, 25–39 | Travessa da Trabuqueta, 8–14. Relatório Preliminar (Diagnóstico arqueológico), Clay Arqueologia, Lisboa, abril de 2024 [texto policopiado]

#### **PIRES 2021**

PIRES, Nuno – Acompanhamento Arqueológico no Âmbito do Projeto de Requalificação de Edifício na Rua Gilberto Rola, N.º 57–63, Alcântara, Relatório Final. Empatia, Lisboa, agosto 2021 [texto policopiado]

#### **PITOLA 2009**

PISTOLA, Renato José B. J. da Silva – *Alcântara, a evolução industrial de meados do século XIX ao final da I.ª República*, Dissertação de Mestrado em História apresentada à Universidade Nova de Lisboa da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas em Fevereiro de 2009.

#### **RATTON 1920**

RATTON, Jacome – *Recordações de Jacome Ratton sobre ocorrências do seu tempo de Maio de 1747 a Setembro de 1810*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1920.

#### **S.A. 1934**

SA, *Relaçam em que se trata e faz hua breve descrição dos arredores mais chegados à Cidade de Lisboa & seus arrebaldes, das partes notaveis, Igrejas, Hermidas, & Conventos que tem, começando logo da barra, vindo corredo por toda a praya até Enxobregas, & dahi pella parte de cima até Saõ Bento o novo*, SILVA, A. Vieira (nota explicativa), in *Anais das Bibliotecas, Arquivo e Museus Municipais*, n.º 11, Câmara Municipal de Lisboa, 1934, pp. 16–33.

#### **S.A. 1840**

SA, *Memoria historicò-descriptiva das linhas que cubriram Lisboa em 1833 / redigida, d'ordem superior, em 1837 por hum official do Corpo d'Engenheiros do Exercito de Portugal. Typ. Nacional, 1840*. Disponível em Biblioteca da Assembleia da República: <https://catalogobib.parlamento.pt:82/images/winlibimg.aspx?skey=&doc=68192&img=432~>

#### **SANTANA s.d.**

SANTANA, Francisco (Recolha e Índices) – *Lisboa na 2ª metade do séc. XVIII: (plantas e descrições das suas freguesias)*, E.N.P. Anuário Comercial de Portugal, Lisboa, s.d.

#### **SANTANA 1994**

SANTANA, Francisco; SUCENA, Eduardo – *Dicionário da História de Lisboa*, Carlos Quintas & Associados – Consultores, Lda., Lisboa, 1994.

#### **SANTOS 2014**

SANTOS, Cristina Andreia Duarte de Coimbra Neves – *Fortificações da foz do Tejo*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura. Universidade Lusíada de Lisboa. Faculdade de Arquitectura e Artes, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ulusiada.pt/handle/11067/888>

#### **SEQUEIRA 1933**



SEQUEIRA, G. de Matos *Depois do Terremoto. Subsídios para a História dos Bairros Ocidentais de Lisboa*. Vol. IV. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1933. Disponível em: [https://archive.org/stream/depoisdoterremot04sequuoft/depoisdoterremot04sequuoft\\_djvu.txt](https://archive.org/stream/depoisdoterremot04sequuoft/depoisdoterremot04sequuoft_djvu.txt)

#### SEPULVEDA 1898

SEPULVEDA, Cristovam Ayres – *História do Exército Português, Vol. II., PRELIMINAR Um capítulo da Guerra da Restauração (1660 a 1668): o conde de Schonberg em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1898. Disponível em:

[https://www.google.pt/books/edition/Hist%C3%B3ria\\_org%C3%A2nica\\_e\\_pol%C3%ADtica\\_d\\_o\\_ex%C3%A9rcito/FevTAAAAMAAJ?hl=en&gbpv=1&dq=%22Um+cap%C3%ADtulo+da+Guerra+a+Restaura%C3%A7%C3%A3o+\(1660+a+1668\):+o+conde+de+Schonberg+em+Portugal%22+Sepulveda&pg=PA17&printsec=frontcover](https://www.google.pt/books/edition/Hist%C3%B3ria_org%C3%A2nica_e_pol%C3%ADtica_d_o_ex%C3%A9rcito/FevTAAAAMAAJ?hl=en&gbpv=1&dq=%22Um+cap%C3%ADtulo+da+Guerra+a+Restaura%C3%A7%C3%A3o+(1660+a+1668):+o+conde+de+Schonberg+em+Portugal%22+Sepulveda&pg=PA17&printsec=frontcover)

#### SILVA s.d.

SILVA, Augusto Vieira da (s.d.) – *Os Limites de Lisboa. Notícia Histórica*. In Revista Municipal, Ano II – N.º 5. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 1960, pp. 3–15.

#### SILVA 1934

SILVA, Augusto Vieira da (ed.) – *Relaçam, em que se trata, e faz hua breve descrição dos arredores mais chegados à Cidade de Lisboa...* Publicações dos Anais das Bibliotecas e Museus Municipais de Lisboa, Lisboa 1934

#### SILVA 1942

SILVA, Augusto Vieira da (1942) – *A Ponte de Alcântara e suas circunvizinhanças: notícia histórica*. In Olisipo. Boletim do Grupo “Amigos de Lisboa”, Ano V, N.º 18, Abril – 1942, pp. 63–95. Lisboa: Grupo “Amigos de Lisboa”

#### SILVA 1944

SILVA, A. Vieira da – *Epigrafia de Olisipo (Subsídios para a História da Lisboa Romana)*, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa, 1944.

#### SILVA 1943

SILVA, Augusto Vieira da – *As freguesias de Lisboa (estudo histórico)*, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa, 1943.

#### SILVA 1960

SILVA, Augusto Vieira da (1960). *Dispersos de Augusto Vieira da Silva*, Volume III. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 1960, pp. 39–75.

#### SILVA 2020

SILVA, Margarida Duarte – *Contributos para uma narrativa patrimonial sobre a freguesia de Alcântara*. Mestrado em Empreendedorismo e Estudos da Cultura. Iscte – Instituto Universitário de Lisboa, 2020

#### SILVEIRA 2017

SILVEIRA, Ana Cláudia Oliveira – *Alcântara: um moinho de maré medieval no termo de Lisboa (séculos XIII a XVIII)*, in *Cadernos do Arquivo Municipal*, Vol. 2, N.º 8, Lisboa, dez. 2017, versão online ISSN 2183–3176: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2183-31762017000200005](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2183-31762017000200005)

#### TRINDADE e DIOGO 2001

TRINDADE, Laura; DIOGO, A. M. Dias – *Elementos para o estudo do Baluarte do Livramento em Lisboa*. In *Arqueologia e História*, nº 53, pp. 125–133. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2001

#### TRINDADE e DIOGO 2003

TRINDADE, Laura; DIOGO, A. M. Dias – *Elementos para o estudo da igreja de Nossa Senhora do Livramento, em Alcântara, Lisboa*. In *Arqueologia e História*, nº 55, pp. 89–96. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2003

## 8.4 Consulta On-line

PC [Património Cultural]:

PC – Atlas do Património Classificado:

[https://geo.patrimoniocultural.pt/flexviewers/Atlas\\_Patrimonio/default.htm](https://geo.patrimoniocultural.pt/flexviewers/Atlas_Patrimonio/default.htm)

PC – Portal do Arqueólogo: Geoportal / Base de dados Endovélico

<https://www.arcgis.com/apps/webappviewer/index.html?id=5cb4735d7d7743a39a16d7269a753a4a>

PC – SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitetónico

[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/Default.aspx](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx)

AML [Arquivo Municipal de Lisboa]

<https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/>

BND [Biblioteca nacional Digital]

<https://bndigital.bnportugal.gov.pt/>

CML [Câmara Municipal de Lisboa- Lisboa Interativa]

<http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>

CML – LX Conventos:

– Convento de Nossa Senhora das Necessidades

<https://patrimoniocultural.cm-lisboa.pt/lxconventos/ficha.aspx?t=i&id=620&lang=pt>

– Convento de Nossa Senhora do Livramento

<https://patrimoniocultural.cm-lisboa.pt/lxconventos/ficha.aspx?t=i&id=621>

JFC [Junta de Freguesia de Campolide]

<https://www.jf-campolide.pt/>

LX CONVENTOS

<http://patrimoniocultural.cm-lisboa.pt/lxconventos/ficha.aspx?t=i&id=621>

Google Earth

<https://g.co/kgs/QXsmQSm>



---

**ANEXO 10**  
**ESTUDOS HISTÓRICO-ARQUEOLÓGICOS**  
**FOTOGRAMETRIAS**

## 1 ESTAÇÃO DE CAMPOLIDE/AMOREIRAS



Sondagem 1 – Plano Final



Sondagem 2 – Plano Final



Sondagem 3 – Plano Final



Sondagem 4 – Plano Final



Sondagem 5 – Plano Final



Sondagem 6 – Plano Final

---

## 2 ESTAÇÃO DE CAMPO DE OURIQUE

Trabalhos Em Execução à data de fecho deste relatório



### 3 ESTAÇÃO DE INFANTE SANTO



Sondagem 1 – Plano Final



Sondagem 2 – Plano Final



Sondagem 3 – Plano Final



Sondagem 4 – Plano Final



Sondagem 5 – Plano Final

#### 4 POÇO DE VENTILAÇÃO 211



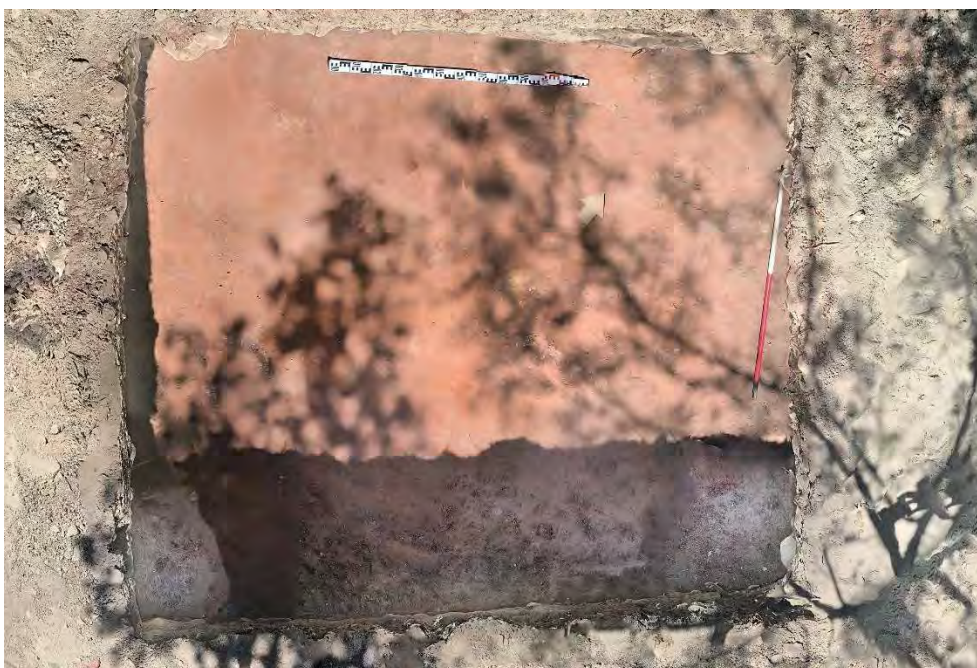
Sondagem 1 – Plano Final

#### 5 POÇO DE VENTILAÇÃO 215



Sondagem 1 – Plano Final

## 6 POÇO DE VENTILAÇÃO 217



Sondagem 1 – Plano Final



Sondagem 2 – Plano Final

## 7 BALUARTE DO LIVRAMENTO



Sondagem 1 – Plano Final



Sondagem 2 – Plano Final



Sondagem 3 – Plano Final



Sondagem 4 – Plano Final





Sondagem 5 – Plano Final



Sondagem 6 – Plano Final

## 8 PALÁCIO FIÚZA



Sondagem Parietal 1 – Plano Final



Sondagem Parietal 2 – Plano Final



Sondagem 1 – Plano Final

---

**ANEXO 8**  
**ESTUDOS HISTÓRICO-ARQUEOLÓGICOS**  
**ESPÓLIO**

## 1 ESTAÇÃO DE CAMPOLIDE AMOREIRAS



Sondagem 1 – UE [104]



Sondagem 5 – UE [510]

## 2 ESTAÇÃO DE CAMPO DE OURIQUE

Sondagens em execução à data de fecho deste relatório (11/10/2024)

## 3 ESTAÇÃO DE INFANTE SANTO



Sondagem 2 – UE [201]



Sondagem 3 – UE [301]



Sondagem 4 – UE [400]



Sondagem 4 – UE [401]



Sondagem 4 – UE [403]



Sondagem 5 – UE [500]



Sondagem 5 – UE [501]



Sondagem 5 – UE [501]



Sondagem 5 – UE [501]



Sondagem 5 – UE [501]



---

#### **4 POÇO DE VENTILAÇÃO 211**

Trabalho em execução à data de fecho deste relatório (11/10/2024)

#### **5 POÇO DE VENTILAÇÃO 215**

Trabalho em execução à data de fecho deste relatório (11/10/2024)

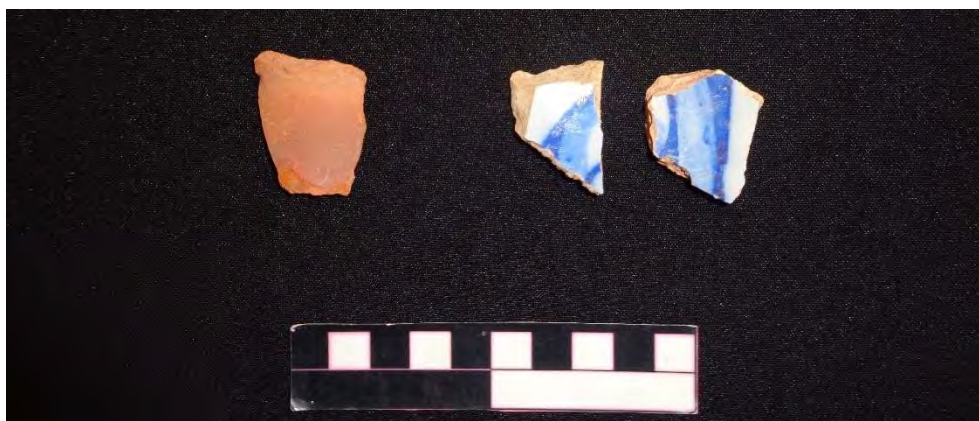
## 6 POÇO DE VENTILAÇÃO 217



Sondagem 1 – UE [101]



Sondagem 1 – UE [101]



Sondagem 2 – UE [204]

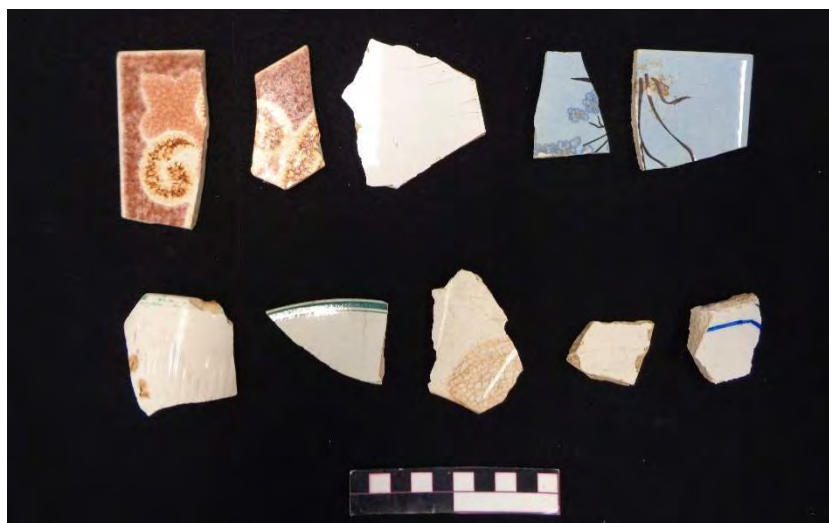


Sondagem 2 – UE [204]



Sondagem 2 – UE [204]

## 7 BALUARTE DO LIVRAMENTO



Sondagem 1 – UE [100]



Sondagem 1 – UE [101]



Sondagem 1 – UE [105]



Sondagem 1 – UE [105]



Sondagem 1 – UE [105]



Sondagem 1 – UE [105]



Sondagem 1 – UE [105]



Sondagem 3 – UE [306]



Sondagem 3 – UE [306]



Sondagem 3 – UE [306]



Sondagem 4 – UE [402]



Sondagem 4 – UE [402]



Sondagem 4 – UE [402]



Sondagem 4 – UE [403]



Sondagem 4 – UE [403]





Sondagem 4 – UE [403]



Sondagem 4 – UE [403]



Sondagem 4 – UE [403]



Sondagem 4 – UE [403]



Sondagem 4 – UE [403]



Sondagem 4 – UE [403]



Sondagem 4 – UE [403]



Sondagem 4 – UE [403]



Sondagem 4 – UE [403]



Sondagem 4 – UE [403]



Sondagem 4 – UE [403]



Sondagem 4 – UE [403]



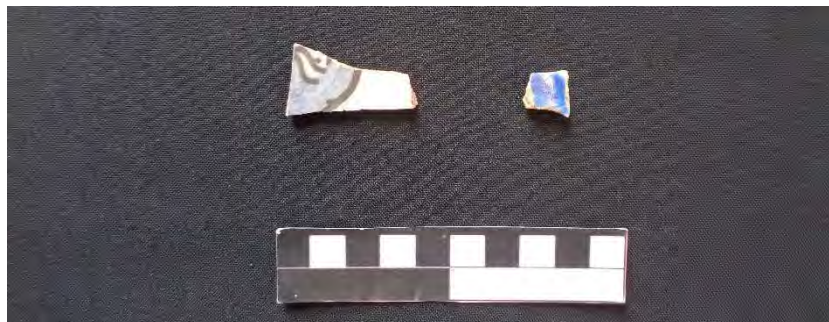
Sondagem 5 – UE [505]



Sondagem 5 – UE [505]



Sondagem 5 – UE [505]



Sondagem 5 – UE [505]



Sondagem 5 – UE [505]



Sondagem 5 – UE [505]



Sondagem 6 – UE [600]



Sondagem 6 – UE [600]



Sondagem 6 – UE [600]



Sondagem 6 – UE [600]



Sondagem 6 – UE [600]



Sondagem 6 – UE [600]





Sondagem 6 – UE [600]



Sondagem 6 – UE [602]



Sondagem 6 – UE [602]



Sondagem 6 – UE [602]



Sondagem 6 – UE [602]



Sondagem 6 – UE [602]



Sondagem 6 – UE [602]



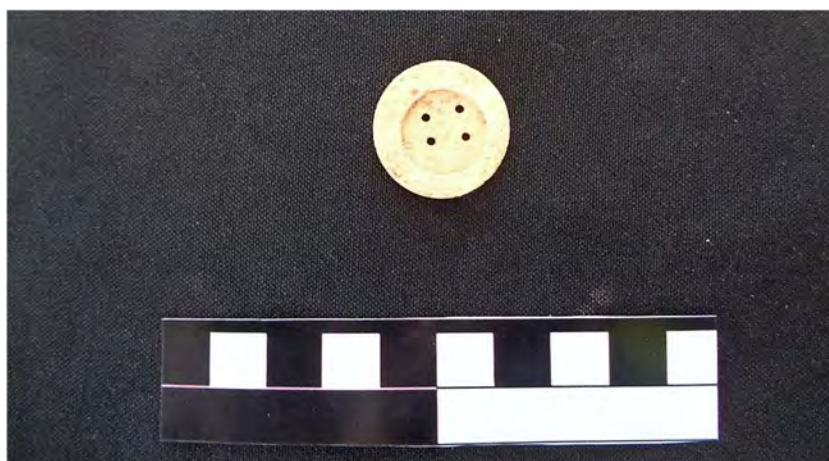
Sondagem 6 – UE [602]



Sondagem 6 – UE [602]



Sondagem 6 – UE [602]



Sondagem 6 – UE [602]



Sondagem 6 – UE [602]



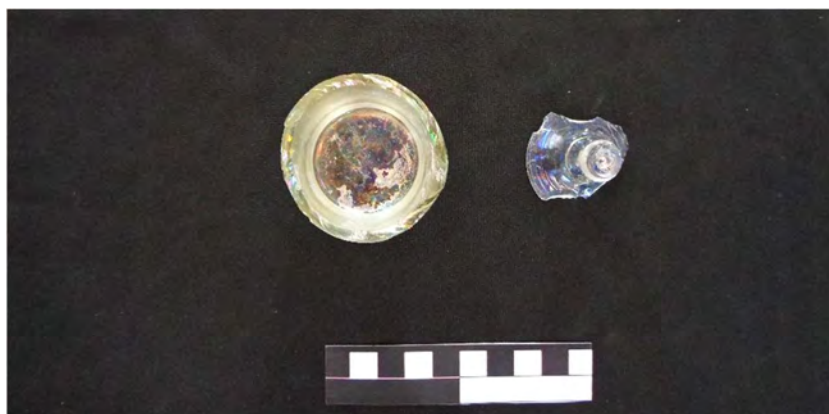
Sondagem 6 – UE [602]



Sondagem 6 – UE [603]



Sondagem 6 – UE [603]



Sondagem 6 – UE [603]



Sondagem 6 – UE [603]



Sondagem 6 – UE [603]



Sondagem 6 – UE [603]



Sondagem 6 – UE [603]



Sondagem 6 – UE [605]



Sondagem 6 – UE [605]



Sondagem 6 – UE [605]





Sondagem 6 – UE [605]



Sondagem 6 – UE [605]



Sondagem 6 – UE [605]



Sondagem 6 – UE [605]



Sondagem 6 – UE [605]



Sondagem 6 – UE [605]



Sondagem 6 – UE [606]



Sondagem 6 – UE [606]



Sondagem 6 – UE [606]



Sondagem 6 – UE [606]



Sondagem 6 – UE [606]



Sondagem 6 – UE [606]



Sondagem 6 – UE [606]



Sondagem 6 – UE [606]



Sondagem 6 – UE [606]



Sondagem 6 – UE [606]



Sondagem 6 – UE [606]



Sondagem 6 – UE [606]



Sondagem 6 – UE [606]



Sondagem 6 – UE [606]



Sondagem 6 – UE [606]



Sondagem 6 – UE [606]



Sondagem 6 – UE [606]

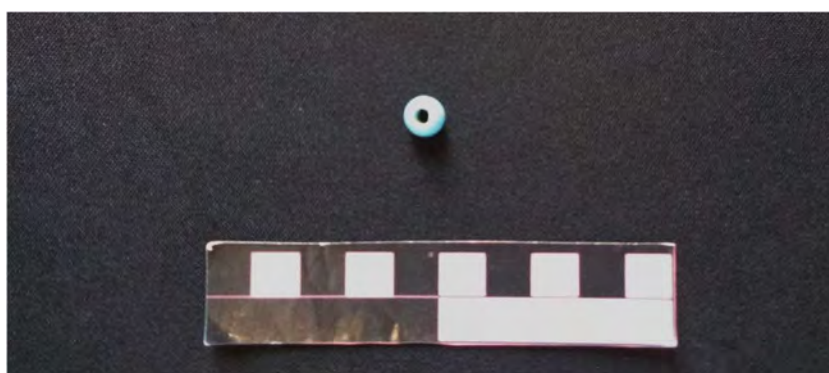




Sondagem 6 – UE [606]



Sondagem 6 – UE [606]



Sondagem 6 – UE [606]



Sondagem 6 – UE [606]



Sondagem 6 – UE [606]



Sondagem 6 – UE [606]



Sondagem 6 – UE [606]



Sondagem 6 – UE [606]



Sondagem 6 – UE [606]



Sondagem 6 – UE [606]



Sondagem 6 – UE [606]



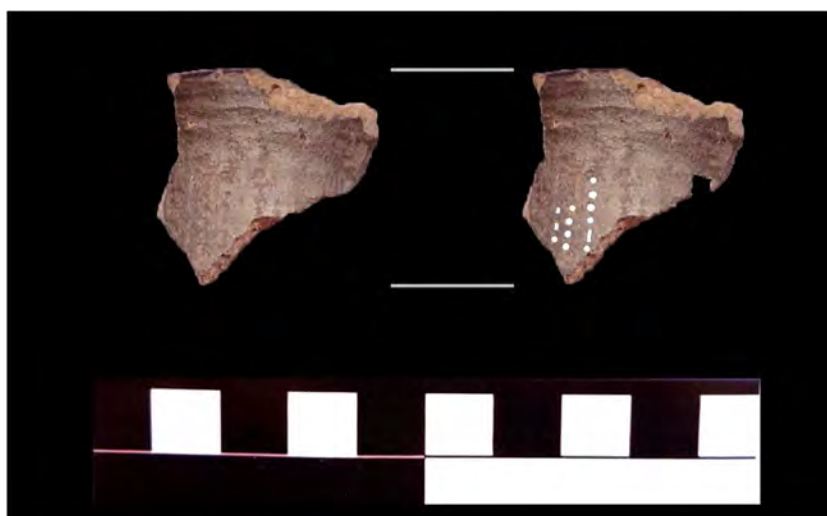
Sondagem 6 – UE [606]



Sondagem 6 – UE [606]



Sondagem 6 – UE [606]



Sondagem 6 – UE [610]



Sondagem 6 – UE [610]



Sondagem 6 – UE [610]



Sondagem 6 – UE [610]

## 8 PALÁCIO FIÚZA



Sondagem 1 – UE [101]



Sondagem 1 – UE [101]



Sondagem 1 – UE [101]



Sondagem 1 – UE [101]



Sondagem 1 – UE [101]



Sondagem 1 – UE [101]





Sondagem 1 – UE [101]



Sondagem 1 – UE [101]



Sondagem 1 – UE [108]



Sondagem 1 – UE [108]



Sondagem 1 – UE [108]



Sondagem 1 – UE [108]



Sondagem 1 – UE [108]



Sondagem 1 – UE [108]



Sondagem 1 – UE [108]



Sondagem 1 – UE [108]

---

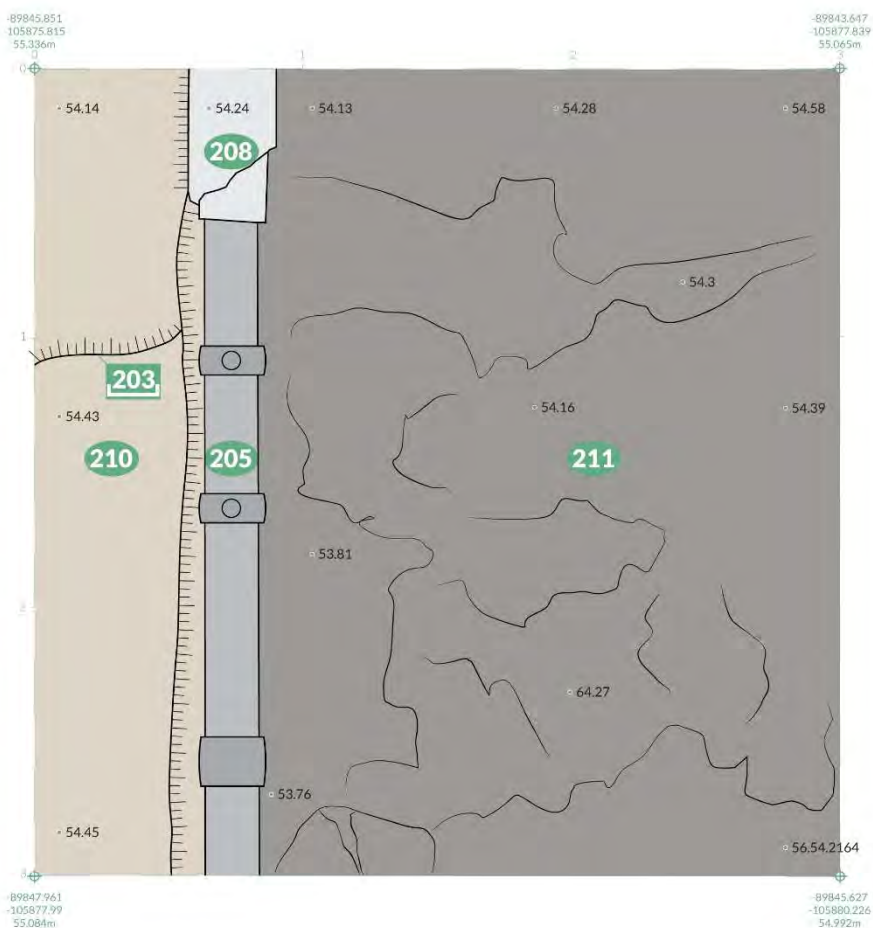
**ANEXO 7**  
**ESTUDOS HISTÓRICO-ARQUEOLÓGICOS**  
**DESENHOS**

## ESTAÇÃO DE INFANTE SANTO

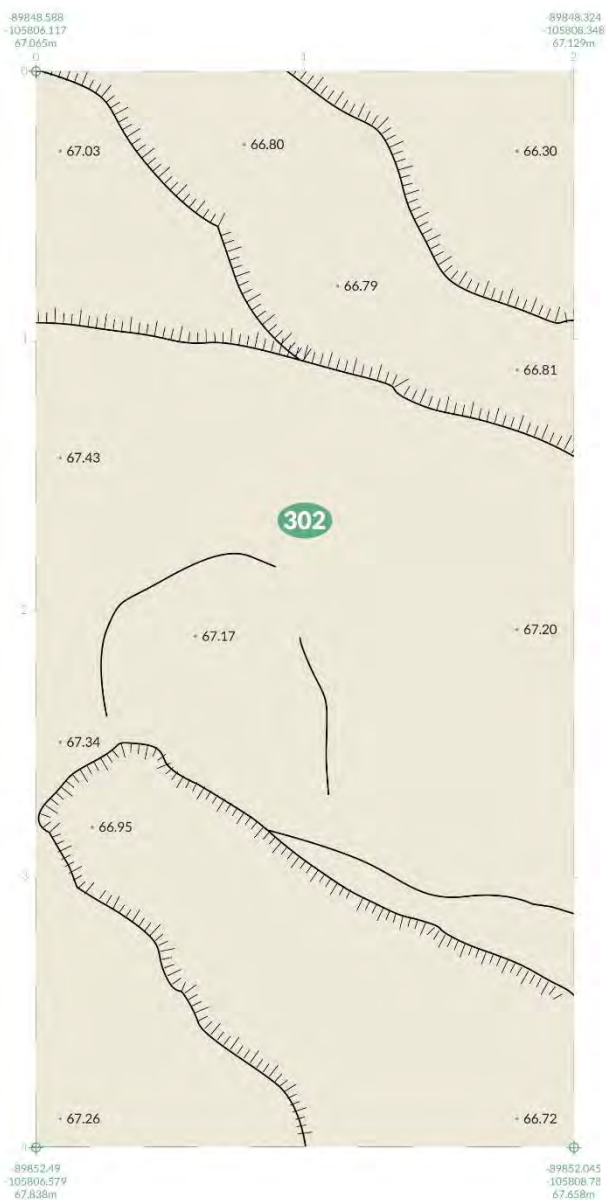


E	<b>ML. LV-LSB. 24</b>	AV. INFANTE SANTO	LEGENDA		
	SONDAGEM PLANO ESCALA	<b>1</b> <b>FINAL</b> <b>1/20</b>	● U.E. 106		
	DIRETORES	<b>NUNO PIRES</b>	● U.E. 107		
	DATA	<b>09/08/2024</b>	● U.E. 108		
	REGISTO DE CAMPO REGISTO DE GABINETE	<b>NUNO PIRES</b> <b>LAURA ESTEVES</b>	● U.E. 110		

COTAS ABSOLUTAS  
ETRS89 / Portugal TM06

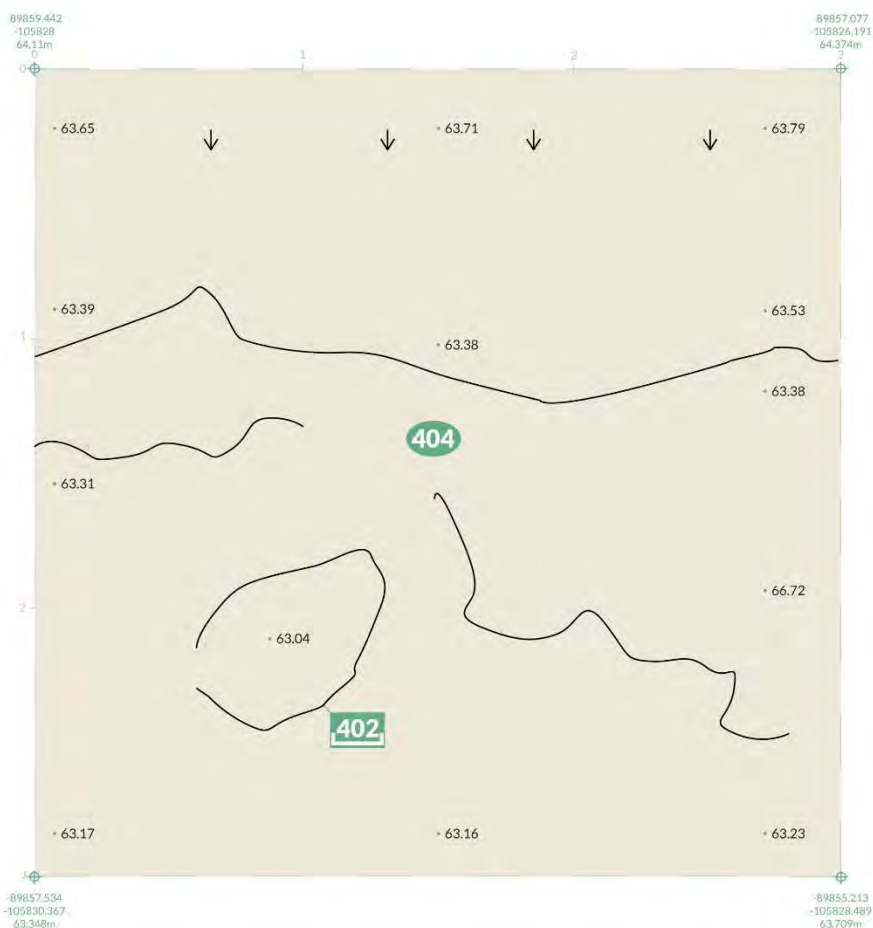


<b>E</b>	<b>ML. LV-LSB. 24</b> AV. INFANTE SÁNTO		<p><b>LEGENDA</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li><span style="display: inline-block; width: 10px; height: 10px; background-color: #cccccc; border: 1px solid black; border-radius: 50%;"></span> U.E. 205</li> <li><span style="display: inline-block; width: 10px; height: 10px; background-color: #e0e0e0; border: 1px solid black; border-radius: 50%;"></span> U.E. 208</li> <li><span style="display: inline-block; width: 10px; height: 10px; background-color: #d3d3d3; border: 1px solid black; border-radius: 50%;"></span> U.E. 210</li> <li><span style="display: inline-block; width: 10px; height: 10px; background-color: #808080; border: 1px solid black; border-radius: 50%;"></span> U.E. 211</li> </ul>		
	<p>SONDAGEM: <b>2</b></p> <p>PLANO: <b>FINAL</b></p> <p>ESCALA: <b>1/20</b></p>				
	<p>DIRETORES: <b>NUNO PIRES</b></p>				
	<p>DATA: <b>09/08/2024</b></p> <p>REGISTO DE CANEJO: <b>NUNO PIRES</b></p> <p>REGISTO DE BARRILETE: <b>LAURA ESTEVES</b></p>				
<p>COTAS ABSOLUTAS ETM84 / PortugalTM06</p>					



E	<b>ML. LV-LSB. 24</b>	AV. INFANTE SANTO	LEGENDA		
	SONDAGEM	3	○ U.E. 302		
	PLANO	FINAL			
	ESCALA	1/20			
DIRETORES	<b>NUNO PIRES</b>				
DATA	<b>09/08/2024</b>				
REGISTO DE CAMPO	<b>NUNO PIRES</b>				
REGISTO DE GABINETE	<b>LAURA ESTEVES</b>				
COTAS ABSOLUTAS ET/887 / 75 (total) 19/88					





E	<b>ML . LV-LSB . 24</b> AV. INFANTE SANTO	<b>LEGENDA</b>	0 20 40 60 80 100	N
	SONDAJEM: <b>4</b>	○ U.E. 404		
	PLANO: <b>FINAL</b>			
	ESCALA: <b>1/20</b>			
	DIRETORES: <b>NUNO PIRES</b>			
DATA: <b>09/08/2024</b>				
REGISTO DE CAMPO: <b>NUNO PIRES</b>				
REGISTO DE DIBUJANTE: <b>LAURA ESTEVES</b>				

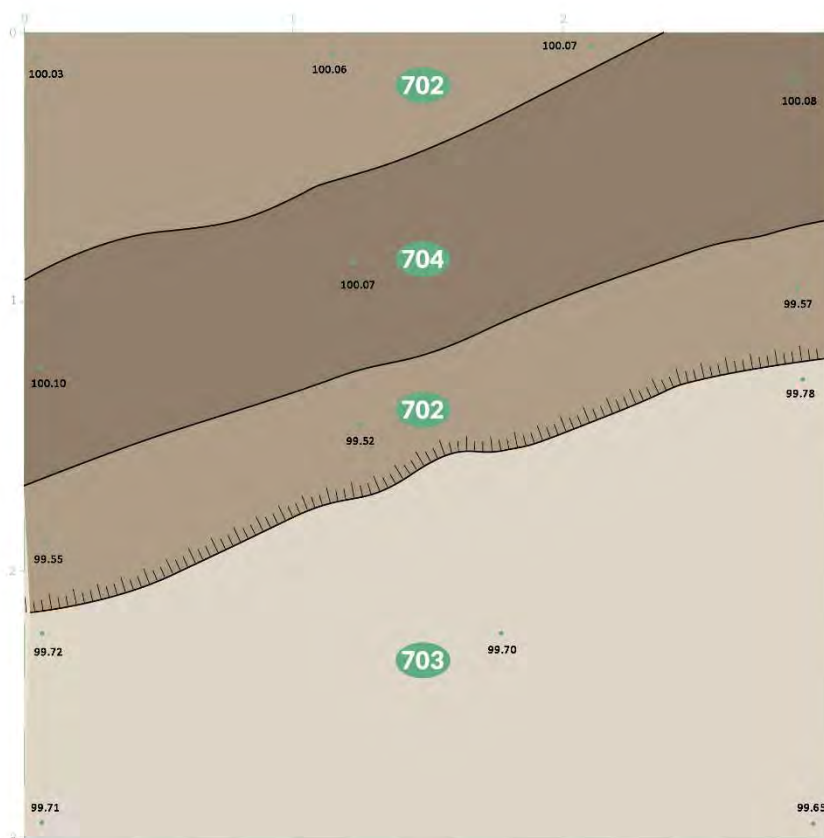
COTAS ABSOLUTAS ETR80 / Ponto 417M06



E	<b>ML. LV-LSB. 24</b> AV. INFANTE SANTO	<b>LEGENDA</b>	0 20 40 60 80 100 m	
	SONDAGEM: <b>5</b>	● U.E. 501		
	PLANO: <b>FINAL</b>	○ U.E. 503		
	ESCALA: <b>1/20</b>			
	DIRETORES: <b>NUNO PIRES</b>			
DATA: <b>09/08/2024</b>				
REGISTO DE CAMU: <b>NUNO PIRES</b>				
REGISTO DE BARRIETE: <b>LAURA ESTEVES</b>				

COTAS ABSOLUTAS  
ETIM / Polissol / TMS

**PV211**



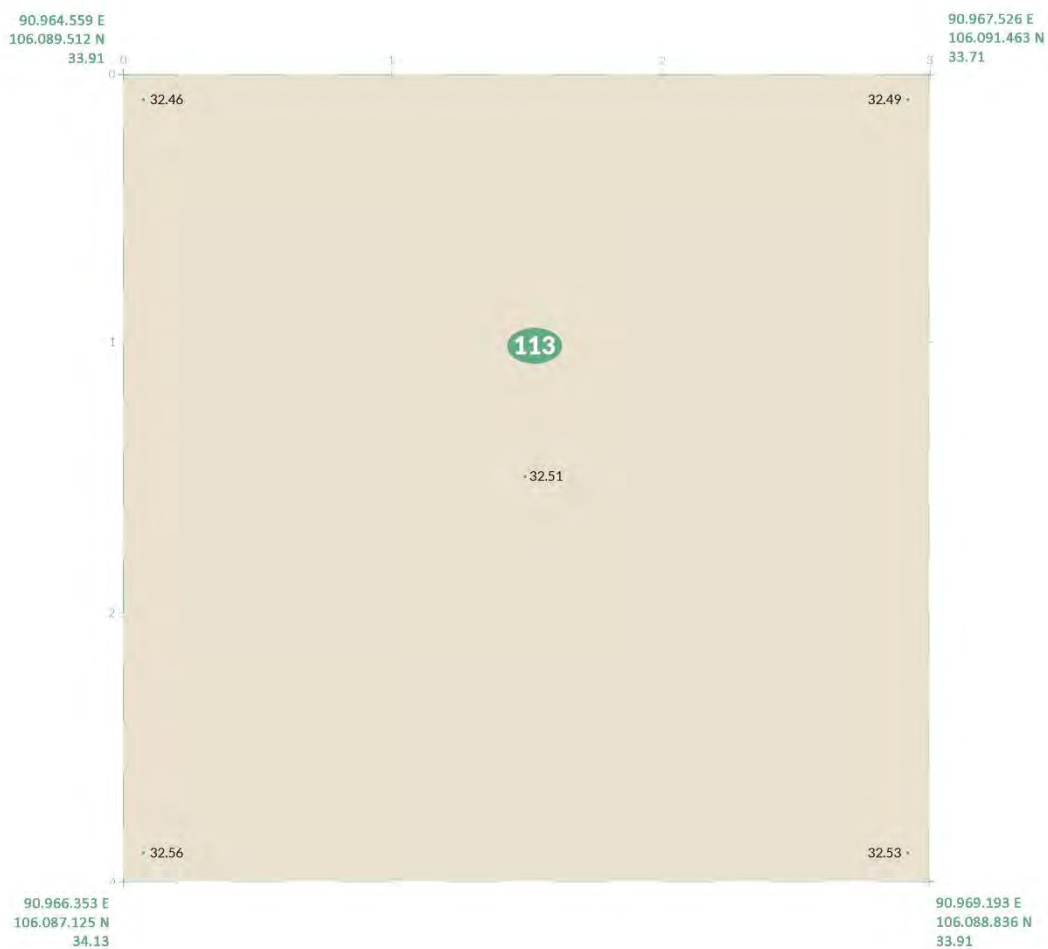
ML - PV211		LEGENDA	0 20 40 60 80 100 m	N
	SONDAGEM	7	<ul style="list-style-type: none"> <li>● U.E. 702</li> <li>● U.E. 703</li> <li>● U.E. 704</li> </ul>	
	PLANO	INTERMÉDIO 3 (U.E. 703)		
	ESCALA	1/20		
	DIRETORES	NUNO PIRES		
DATA	09/08/2024			
REGISTO DE CAMPO	NUNO PIRES			
REGISTO DE GABINETE	LAURA ESTEVES			

**PV215**



	<b>ML - PV215</b>	<b>LEGENDA</b>		
	SONDAGEM	1		
	PLANO	FINAL		
	ESCALA	1/20		
	DIRETORES	NUNO PIRES		
	DATA	09/08/2024		
REGISTO DE CAMPO	NUNO PIRES			
REGISTO DE GABINETE	LAURA ESTEVES			

**PV217**



**ML - PV217**

**LEGENDA**

0 20 40 60 80 100 (m)

U.E. 113

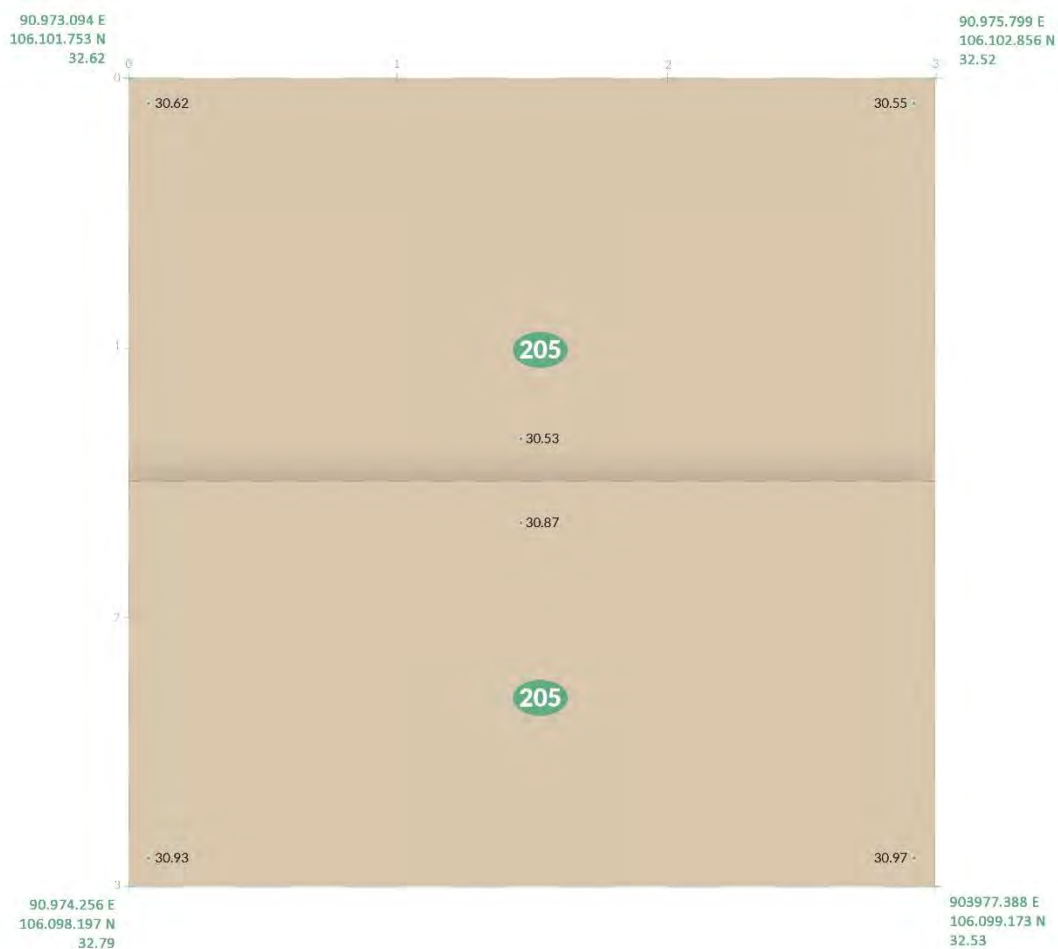
**E**

SONDAGEM: 1  
PLANO: FINAL  
ESCALA: 1/20

DIRETORES: NUNO PIRES

DATA: 09/08/2024  
REGISTO DE CAMPO: NUNO PIRES  
REGISTO DE GABINETE: LAURA ESTEVES

N



<b>E</b>	<b>ML-PV217</b>		<b>LEGENDA</b>			
	SONDAGEM	<b>2</b>		U.E. 113		
	PLANO	<b>FINAL</b>				
	ESCALA	<b>1/20</b>				
	DIRETORES	<b>NUNO PIRES</b>				
	DATA	<b>09/08/2024</b>				
REGISTO DE CAMPO	<b>NUNO PIRES</b>					
REGISTO DE GABINETE	<b>LAURA ESTEVES</b>					